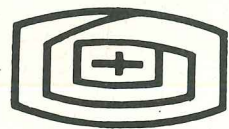
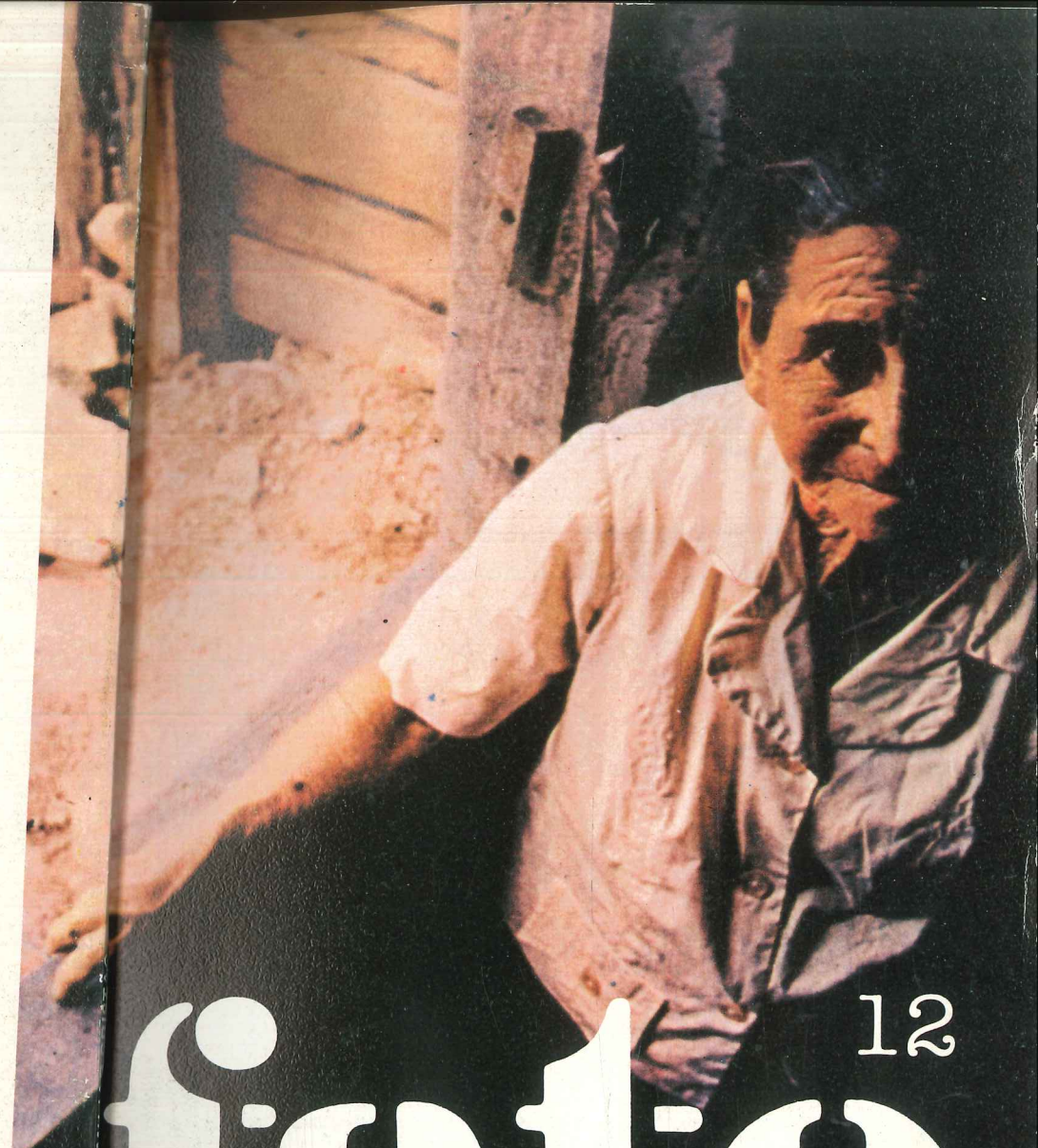


LITURGIA DA PAZ E RECONCILIAÇÃO
AH! A LUTA DE CLASSES
A INVASÃO DA PRAIA
COMUNIDADES FAMILIARES DE BASE
ALCEU, RADIANTE ESPELHO
O PROCESSO
SECA, FOME, ESPERANÇA
HIPÓLITO
FAMÍLIA: VOZ E AÇÃO EM FAVOR DOS POBRES
E DOS QUE SOFREM
CADERNOS DO MFC:
PROMOÇÃO DA JUSTIÇA
PROMOÇÃO DA MULHER



MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO



fato

12

e razão

Recado ao leitor

Mais uma vez, Fato e Razão chega às suas mãos, caro leitor. Este número gira em torno de uma temática central: a paz e a reconciliação baseadas na justiça e na fraternidade.

Começamos com uma bela e inquietante paraliturgia sobre o tema. Logo passamos a destacar as contradições que dividem os homens em classes sociais com aspirações antagônicas e discriminações intoleráveis.

Aqui está a raiz das discussões atuais em torno dos conflitos de classe, desocultados pela melhor teologia latino-americana.

Vemos, então, os temas dos próximos encontros internacionais do MFC, embebidos na compreensão de tais conflitos e na busca de sua superação.

Finalmente, dois magníficos documentos de estudo, elaborados a partir das reflexões do MFC nestes últimos anos: tratam dos temas da promoção da mulher.

É matéria para ser lida e refletida, por todos, com a máxima atenção, como iluminação para a ação do cristão no mundo atual.

Esperamos as suas apreciações, amigo leitor.

S. & H.

LITURGIA DA PAZ E RECONCILIAÇÃO convenções para leitura

Participantes:

- **Celebrante** — Questionador e Questionado (C).
- **2 Leitores** — Um representa a visão profética, sob o prisma de Isaías (L1).
O outro, a visão da Igreja do Vaticano II (L2).
- **2 Coros** — Um, questionador (C1).
Outro, tentando responder aos desafios (C2).
- **Vozes que interrompem** (V).
- **Assembléia** (A).

Página 02

fato 12 e razão

Edição Movimento Familiar Cristão

Equipe de Redação deste número

José e Beatriz Reis
Selma e Helio Amorim

Realização

CONDIN — Conselho Diretor Nacional
Juracy e Maria Raimunda Freitas
Maria e Adamor Oliveira
Pe. José Gil Pereira
Itamar e Neide Bonfatti
Pe. Dalton Barros
Pe. Jorge Basile
Antonio e Liliana Almeida
Teresa e Tales Silva
Cesar e Rosi Abicalaffe
Pe. Otavio Fontoura
Renato e Lourdes Carneiro
Sergio e Lucia Dantas

Coordenação de Editoria

SENFOR — Secretariado Nacional de
Formação — MFC
Rua Des. Saul de Gusmão, 80 / VIII —
22600 — Rio de Janeiro — RJ.

Produção Gráfica, Arte e Diagramação:
Breno Vinicius

SUMÁRIO

Liturgia da Paz e Reconciliação . . .	02
Ah! A luta de classes	08
A invasão da praia	10
Comunidades Familiares de Base . .	13
Alceu, Radiante Espelho.	16
O Processo	18
Seca, fome, esperança.	20
Hipólito.	24
Família: voz e ação em favor dos pobres e dos que sofrem	26
Cadernos do MFC:	
Promoção da Justiça	30
Promoção da Mulher	48

Liturgia da Paz e Reconciliação

José e Beatriz Reis

*Entra o celebrante acompanhado dos leitores.
Os coros já estão separados.*

Sobre o altar, 3 estolas que o sacerdote trocará (vestirá, colocará) à medida que for evoluindo a paraliturgia. Na primeira parte (constatação da realidade opressora) usará a estola roxa. Na segunda parte (visão da Esperança), a verde. Na terceira parte (referente ao compromisso do povo de Deus), a estola vermelha.

Enquanto entram o celebrante e os dois leitores, ouve-se a música "Construção" de Chico Buarque.

*O sacerdote veste a estola roxa.
Terminada a música diz:*

C: Que é isto que acabamos de ouvir?
Uma simples música popular?
Uma sátira sem consequência?
Uma brincadeira de artista?
Uma denúncia séria
carregada de sofrimento de todo um povo?

C1: Quem serão estes,
sempre à margem da vida?
Alguns poucos coitados,
incapazes de entrar no ritmo comum?
Talvez a grande maioria?
E, se são maioria,
o que os manterá assim,
na impossibilidade de caminhar,

no ritmo dos outros,
como um dos outros,
como homens entre os homens.

C2: Podemos todos perceber:
"Existe, no mundo,
uma série de injustiças
que constituem o núcleo
dos problemas do nosso tempo".
(Sin. Just. 20)

Com efeito,
"hoje, em continentes inteiros,
inúmeros são os homens e as mulheres
torturados pela fome;
inúmeras as crianças subalimentadas,
muitas delas morrendo em tenra idade
enquanto o crescimento

físico e mental de outras
são prejudicados" pela fome. (P.P.45)

A: De fato,
são hoje desrespeitados
milhões de homens
por grupos que controlam o poder
econômico, político e social
nos vários países.

C1: Traduzem-se esses desrespeitos
em graves e permanentes violações
dos direitos fundamentais das pessoas
bem como
na geração e conservação
da escandalosa situação
de injustiça social:
grande parte da humanidade
chega a morrer de fome
enquanto outros, insultantemente,
vivem na abundância!

*(Voz de Homem sai da Assembléia, cantan-
do alto e firme, sem nenhum acompanha-
mento musical, este trecho da música "ro-
maria" de Renato Teixeira).*

"O meu pai foi peão
minha mãe solidão
meus irmãos perderam-se na vida
em busca de aventuras.
Descasei, joguei,
investi, desisti,
se há sorte, eu não sei,
nunca vi!"

A: (Continua o canto)
"Sou caipira pira pora
Nossa Senhora de Aparecida
ilumina a mina escura e funda
o trem da minha vida". (Bis)

(Momento de Silêncio)

L1: "Ai de vós que juntaís casa a casa
e que acrescentaís campo a campo
até que não haja mais lugar
e que sejais os únicos habitantes da
terra". (Is. 5, 8)

C: Como compreender que,
não podendo os povos ricos
remediar a tantas misérias
existentes em todo o mundo,
possam, no entanto,
gastar somas enormes
na confecção de armas sempre mais
novas,
sempre mais mortíferas?"

(cf. G.S. 81)

C1: As antigas divisões
entre nações e impérios
entre raças e classes sociais
possuem agora
novos instrumentos técnicos
de destruição. (Sin. Justiça, 9)

C: A corrida veloz aos armamentos
torna os povos e os homens pobres
mais miseráveis,
enriquecendo por outro lado,
os que já são poderosos.
Gera continuamente,
o perigo de uma conflagração,
e se se trata de armas nucleares,
ameaça mesmo destruir a vida
na face da terra (cf. Sin. Justiça, 91)

A: Tanto os Estados Unidos quanto a
Rússia
brincam nesse momento,
com mísseis e ameaças de destruição,
como crianças inconsequentes.

C2: Virá o momento em que
os objetos criados pelos mágicos
se voltarão contra eles
— e contra todos nós —
e seremos destruídos
pelas próprias armas que construímos!

L1: "É meu povo oprimido por tiranos ca-
prichosos
e os dominam os cobradores de impos-
tos.
Povo meu, teus guias te desencami-
nham,
destróem o caminho por onde passas!
(Is. 3,12)

A: Senhor, que faremos?
Mostrai-nos vossos caminhos
para que possamos fazer deles,
nossos caminhos!

(Momento de Silêncio)

C: Estruturas de injustiça, de opressão
dominam cada vez mais o mundo mo-
derno,
criando vários problemas.

A: Problemas de trabalho, de desempregos
de uso desumano da energia nuclear,
da corrida armamentista,
da crise de desintegração do mundo ru-
ral
do desequilíbrio, cada vez maior,
entre norte e sul, leste e oeste. . .

C1: Gerando guerras entre nações, em várias partes do mundo, tensões internas em todos os países, grande acúmulo de poder político e econômico nas mãos de pequena minoria, crescimento da marginalização condições desumanas de vida clamor de desempregados e sub-empregados trabalhadores sacrificados ao ideal do maior lucro.

C: Acontece ainda que o método educativo ainda vigente, muitas vezes, em nossos dias fomenta um individualismo fechado exaltando a posse, Escolas e meios de comunicação, não raro condicionados pela ordem estabelecida, permitem formar apenas um tipo de homem e esse não é o homem novo!
(cf. Sin. Justiça, 50)

A: Temos, em uma palavra, exploração organizada do homem pelo homem!

L1: Fabricam os povos para si armas que os defendam, que os defendam contra os irmãos, transformando-se em opressores, em senhores tiranos, dos pobres do povo de Deus!

C1: Todas essas situações e outras mais! mantêm milhões de pessoas, em todo o mundo, em um estado permanente de dependência, mantendo-os em degradação total, em todos os planos de sua vida. Não teremos resposta para tão intolerável situação?

(Momento de Silêncio)

L1: "Foi a terra profanada por seus habitantes. Eles transgrediram as leis, violaram as regras, romperam a aliança eterna".
(Is. 24,5)

C2: Que aliança seria essa? Que leis brotariam dela como flor da semente?

A: "Tropeçamos em pleno dia, como ao crepúsculo. Mergulhamos nas trevas, como os mortos. Esperamos a justiça, mas em vão. Esperamos a salvação mas ela permanece longe de nós".
(Is. 59,15 — segue)

C1: "É posto de lado o direito, a justiça se mantém afastada. Tropeça a boa fé na praça pública E não pode ali entrar a retidão".
(Idem)

A: "Viu o Senhor com indignação que não havia mais justiça". (idem)

Voz: (partindo da assembléia)

"Pára o mundo que eu quero descer!"

(Momento de Silêncio)

Música: "Gente Humilde" de Chico Buarque

(Momento de Silêncio)

C2: Perguntamos de novo: A que aliança teremos sido infiéis? Que leis brotariam dela como flor da semente?

C: No Antigo Testamento Deus se nos revela como libertador dos oprimidos, como defensor dos pobres, exigindo dos homens a fé nele e a justiça para com o próximo.

C2: Isto significa que, somente se observarmos os deveres da justiça poderemos reconhecê-lo tal como a nós se revelou.

A: Como libertador dos oprimidos.
(cf. Sin. Justiça, 30)

L1: Assim, nos fala Isaías, o profeta: "Sairá um broto do tronco de Jessé brotará um rebento de suas raízes. Repousará sobre ele o Espírito do Senhor

... Ele não julgará pelas aparecências e não decidirá pelo que ouvir dizer".

A: "Julgará os fracos com equidade fará justiça aos pobres da terra".

C1: "Será a justiça como cinto de seus rins circundará a lealdade seus flancos".
(Is. 11,1 seg)

Todos: (cantam este trecho de "Cálix Bento" de Milton Nascimento)

De Jessé nasceu a vara
de Jessé nasceu a vara
da vara nasceu a flor, oiá meu Deus!
da vara nasceu a flor, oiá!

E da flor nasceu Maria
e da flor nasceu Maria
de Maria o Salvador, oiá meu Deus!
de Maria o Salvador, oiá!

(Momento de Silêncio)

L2: Nasceu-nos o Salvador o Libertador de todos os homens!

(Nesse momento, o Celebrante tira, lenta e solenemente, a estola roxa e reveste a estola verde, sinal da esperança de todos os povos).

L2: (continuando enquanto o celebrante assim procede)

Então, o lobo será hóspede do cordeiro, deitar-se-á a pantera junto ao cabrito, comerão juntos o touro e o leão. Um menino pequeno os conduzirá A vaca e o urso se confraternizarão, suas crias repousarão juntas. O leão comerá palha com o boi. Brincarão a criança de peito junto à cova da víbora e meterá, o menino desmamado, o dedo no buraco da serpente.

Não se fará mal nem dano Em todo o meu santo monte!"

L1 e L2: "Porque estará a terra coberta da ciência do Senhor, assim como recobrem as águas o fundo do mar!" (Is. 11,1—9)

A: Graças a Deus! conduzirá o menino pela mão a justiça e a paz Justiça e paz se abraçarão e haverá total reconciliação.

C1 e C2: E esse menino é Emanuel, Deus conosco!

C: (lendo)
"... José subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém, porque era da casa e família de Davi, para se avistar com sua esposa Maria que estava grávida. Completaram-se seus dias estando eles ali e deu ela à luz seu filho primogênito e, envolvendo-o em faixas, deitou-o num presépio porque não havia lugar para eles na hospedaria
(Luc. 2,4—7)

A: Cumpria-se a promessa feita a Abraão. Era a nova aliança entre o Senhor e seu povo!

A: (cantando)
"E da flor nasceu Maria
E da flor nasceu Maria
De Maria o Salvador, oiá meu Deus
De Maria o Salvador, oiá!

V: Abraçam-se a justiça e a paz!

V: Paz, fruto da Justiça!
Justiça, fonte da Paz!

C: Paz que não se reduz portanto, a simples ausência da guerra, nem ao equilíbrio sempre precário de armamentos sofisticados.

C1: Paz, dinamismo constante, busca contínua, construção permanente empreendida por todos os homens, por homens de todos os tempos

do plano salvador e libertador
do Senhor Deus, nosso Pai,
na terra dos homens.

V: Quais serão em nossos dias
em nosso país, em nosso continen-
te,
as exigências da paz?

C2: "Converti-vos, diz o Senhor,
e acreditai na Boa Nova".

C1: De que conversão se trata?

(Momento de Silêncio)

C1: Nosso mundo está doente!

V: "Pára o mundo
que eu quero descer!"

C1: Reside seu mal
na crise de fraternidade
entre os homens e entre os povos.
(cf. pp65)
crise de fraternidade
gerando e conservando
estruturas desumanas
que dão origem às guerras.

L2: Será preciso, então, antes de tudo,
destruir essas causas de desentendi-
mentos
entre os homens e entre os povos.

C2: O que significa buscar e construir,
mesmo à custa de sangue, suor e
lágrimas,
novas estruturas, novas instituições
que ajudem os homens de hoje
a se libertarem, e se promoverem.

A: "Quem semeia entre lágrimas
recolhe a cantar. . ."

C: Graças te damos, Senhor
Por nos haveres revelado essas
coisas
e por nos teres enviado
homens impregnados do evangelho
homens que dão sua vida
para construir, hoje, a paz!

A: Homens como Oscar Romero,
Hector Gallego, João Bosco Burnier.
Homens e mulheres capazes de gritar,
de proclamar aos quatro ventos
as exigências de teu plano de
salvação.

C1: Homens e mulheres
que não hesitam em deixar-se matar,
em regar de sangue nosso continente,
para que dele possa brotar, liberta,
a semente de teu Reino!

(Enquanto assim fala o Coro 1, o Sacerdote
despe solenemente a estola verde, substituín-
do-a pela vermelha, símbolo do sangue assim
derramado na e pela América Latina).

Os dois Coros:

C1 e C2: "Como são belos,
sobre as montanhas,
os pés do mensageiro
que anuncia a paz!
Que traz as boas novas
e anuncia a libertação!"
(Is. 52,7)

V: E então, se formos fiéis
se caminarmos
no ritmo dos passos desses irmãos,
o deserto e a terra árida se alegrarão,
a estepe vai reviver e florir".
(Is. 35,1)

L1 e L2: "De suas espadas,
forjarão os homens
relhas de arados,
e de suas lanças, foices".
(Is. 2, 41)
Serão eles capazes de, continuamen-
te,
"romper as cadeias injustas,
desatar as cordas do jugo,
libertar os oprimidos,
quebrar toda sorte de dominação".
(cf. Is. 58, 6 e seg)

A: Seremos capazes, então,
de repartir, nosso alimento com o
faminto,
de dar morada aos infelizes sem
abrigo,
de vestir os maltrapilhos,
em lugar de ignorarmos nossos
semelhantes.
(idem)

C: E nesse mundo novo,
nascido de um coração novo,
fruto de estruturas, de serviço e
participação
"não morrerá nenhum menino,
nenhum ancião
que não haja completado seus dias.
Serão construídas casas onde
habitarão,



serão plantadas vinhas, cujos frutos
comerão.
(cf. Is. 6, 17 seg)

L1 e L2: "Não mais se construirá
para que outro se instale.
Não mais se plantará,
para que outro se alimente.
Gozarão todos os homens
do trabalho de suas mãos.
Ninguém mais trabalhará em vão.
Ninguém mais dará à luz
filhos condenados a uma morte
repentina" (Idem)

A: Filhos que morrem, geralmente,
de velhice, antes dos trinta,

de emboscada, antes dos vinte
e de fome, um pouco cada dia.
(João Cabral de Melo Neto)

V: Não levantará mais suas armas
uma nação contra a outra.
Não se arrastarão mais os homens
para a guerra. (cf. Is. 2, 4)

A: Abrieste-nos os ouvidos, Senhor,
e não queremos relutar,
não nos queremos esquivar.
(cf. Is. 50, 50)
Andávamos todos desgarrados
seguíamos, cada qual, nosso
caminho. (Idem, 58,6)
Fortificai nossas mãos desfalecidas,
robusteei nossos joelhos vacilantes.

C: Porque não é num mundo pacífico
que temos que lutar.
É no mundo desumano de hoje,
no mundo que desconhece teu
plano, Senhor,
e que se organiza, constantemente,
para dominar e oprimir.

V: É melhor confiar no Senhor
do que nas armas nucleares.
É melhor confiar no Senhor,
do que nos muitos armamentos.

V: Se um cataclisma destruir hoje a
humanidade
acontecerá o grande aborto da
história:
aborto do Reino de Deus,
após 20 séculos de gestação!

A: E é neste mundo, Senhor,
que queremos ser um povo justo
que respeita a fidelidade,
que tem caráter firme,
que é capaz de dar sua vida,
de repente ou devagar, cada dia,
para conservar a paz.
Então encontrarão os humildes,
cada vez mais,
sua alegria e realização no Senhor.
E os homens mais pobres se sentarão
entre os irmãos
e com eles cantarão vossos louvores!

C: Cantemos então, irmãos
todos juntos,
um só coração, uma só alma,
o cântico de nossa libertação.

(Todos cantam o Magnificat)

Atualmente, percebe-se uma agudização do medo da luta de classes, como se esta fosse um fenômeno provocado por grupos políticos ou setores da própria Igreja.

Ora, a luta de classes é uma realidade social constante ao longo de toda a história.

Nem sempre se manifesta em conflitos sangrentos. Mais frequentemente se expressa através de mecanismos de opressão sócio-econômica geradores de miséria e morte, percebidos como se fossem uma contingência natural, ainda que desagradável, das relações sociais.

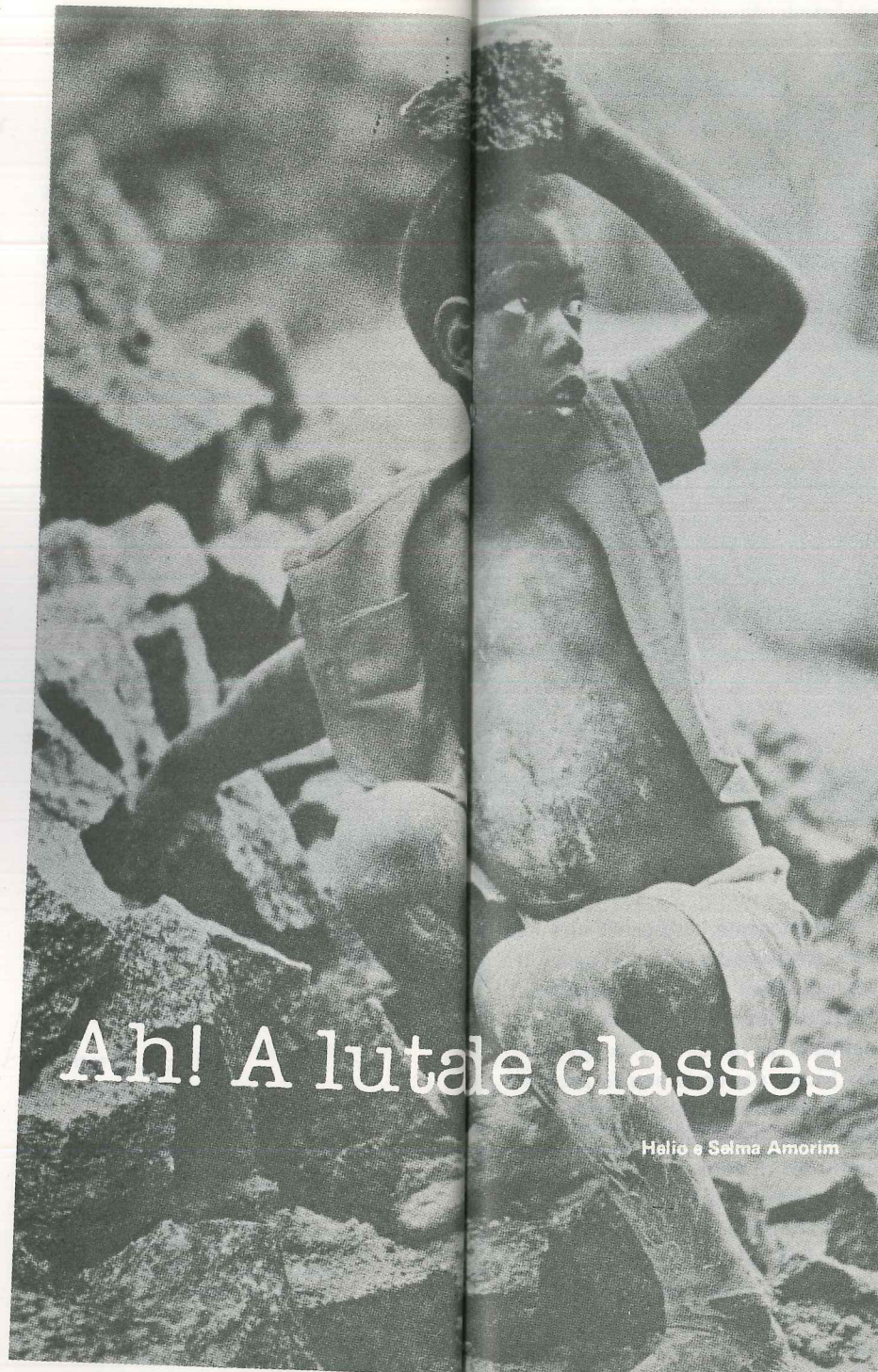
E ninguém se sente culpado por tais contingências "que não dependem de nós".

Daí, ser melhor silenciar sobre suas consequências dramáticas. Falar sobre elas se confunde com "pregação da luta de classes, coisa que só interessa aos comunistas". Desmascarar o conflito, disfarçado por essa conspiração do silêncio, é considerado subversão.

Os teólogos que desocultam e desmascaram essas relações cruéis de opressão como contrárias ao plano de Deus para a humanidade, se vêem sob a mira de um fogo cruzado equivocado: confunde-se o desocultar a verdade com a provocação do conflito. A revelação da existência da luta de classes, para que seja superada, é confundida com a **pregação de um conflito que não existiria**, se dele não se falasse.

O teólogo protestante Rubem Alves faz uma comparação interessante:

"Há muitas coisas neste mundo de que não gosto. Os tigres são carnívoros e as ovelhas são herbívoras, e os tigres gostam de comer ovelhas. . . Me dá tristeza ver tanta violência em meio à vida. Gostaria que fosse diferente, que os tigres comessem capim como as



Ah! A luta de classes

Helio e Selma Amorim

ovelhas, e assim se cumprisse a visão do profeta do Antigo Testamento. Mas se eu não reconhecer este fato, poderia fazer erros terríveis, como, por exemplo, colocar um tigre e uma ovelha na mesma jaula. . . A questão é reconhecer".

E acrescenta, sobre o papel do cristão frente a essa realidade:

"O que significaria não entrar na luta entre tigres e cordeiros? Ficar olhando? Procurar converter os tigres? Dar-lhes conselhos? A Igreja estará sempre no meio das coisas humanas. Ela não pode decidir estar acima da luta entre tigres e ovelhas".

E ao fazer a opção, não vai agradar a todos.

Deus sempre tomou o partido dos mais fracos e oprimidos ao intervir na história humana. E as reações dos poderosos nunca faltaram, com a violência e crueldade que conhecemos.

Ora, a história vai se repetindo, com as nuances próprias de cada época e lugar.

Por isso, ninguém deve ficar espantado e desorientado diante do que percebe no amplo debate atual em torno da opção pelos pobres e da "luta de classes", com tantos discursos contraditórios.

Os fenômenos sociais devem ser conhecidos, desvelados, desmascarados. Suas causas precisam ser identificadas e reveladas. Assim o fazem os bons teólogos latino-americanos à luz da palavra de Deus.

Revelar a iniquidade e o conflito de classes, para discernir e orientar a ação dos cristãos e dos homens de boa vontade, nada tem que ver com a **pregação** de estratégias políticas de tomada de poder.

Há muitos críticos confundindo estas coisas.

Uma crônica tragicômica dos conflitos de classe está na excelente reportagem de Joaquim Ferreira dos Santos, publicada recentemente no Jornal do Brasil, com grande repercussão. Trata do "problema" criado pelo urbanista Jaime Lerner, no Rio de Janeiro, ao criar linhas expressas de ônibus ligando os quentes subúrbios pobres da Cidade com as mais belas e sofisticadas praias dos bairros ricos da Zona Sul. ...

A invasão da praia

Joaquim Ferreira dos Santos (JB)

Ipanema, essa senhora cada vez mais gorda e poluída, reclama de novas estrias e dentes cariados em seu corpanzil: agora é culpa dos ônibus Padron, a linha 461 que, há um mês, está trazendo suburbanos para seu "paraíso", numa viagem de apenas 20 minutos, via Rebouças. É o que dizem seus moradores, inconformados. Ouçam só:

— Que gente feia, hein?! (Ronald Mocdes, artista plástico, morador na Rua Gardia D'Ávila, bem em frente ao ponto do ônibus).

— No outro dia eu saí da loja com um vestido comprido, alinhado, e você precisava ver o que aconteceu. Me chamavam de urubu, um horror (Débora

Palmerio Fraga, gerente da Gregório Faganello).

— É chocante dizer, mas eles não estão acostumados com os costumes do bairro. Nem vou mais à praia aqui. É farofeiro para tudo quanto é lado, olhando a gente de um modo estranho. Ficam passando aquele bronzeador. A sensação é de que estão invadindo o nosso espaço (Maria Luiza Nunes dos Santos, ex-freqüentadora da praia da Garcia D'Ávila e que agora só vai ao Pepino).

— Desse jeito o verão vai ser um faroeste (Cesar Santos Silva, proprietário da lanchonete Chaika, na Visconde de Pirajá).

Os comerciantes estão se organi-

zando e já despacharam diversos abaios-assinados aos gabinetes de Leonel Brizola, de Jaime Lerner (o secretário que inventou a linha de ônibus), ao Detran, a todos que eles julgam com poderes de erradicar o mal. Reclamam também do inferno que se formou no trânsito. Ouçam mais:

— Depois das 17 horas a minha vitrine fica escondida atrás de uma fila enorme de passageiros. É claro que as clientes ficam inibidas de atravessar no meio daquela gente toda (Doris Serfaty, da boutique Carla Roberto, na Rua Vinícius de Moraes. Ela está lançando a moda que deixa o sutiã à mostra).

— A rua é muito apertada e, quando

o ônibus pára, interrompe o tráfego no bairro inteiro. Só dá ele na rua. Fica uma buzinação de louco. Além disso ele é muito pesado, e o asfalto está cedendo. Tem que botar ele prá fora da área do comércio (Luli Bevilacqua, da loja Luli R.).

Há muito tempo que Luli não frequenta a praia de Ipanema, preferindo as delícias mais calmas e limpas da Barra da Tijuca. Mas, definitivamente, já não há qualquer gueto de sofisticação sobre nossas areias, lamenta. Pois até a Barra está sendo cortada por uma outra linha de Padron, diretamente de Madureira. Na praia de domingo passado, Luli já sentiu a diferença:

— A praia mudou de cor. Eu fico ali no Farol da Barra, junto com o pessoal que pega wind. Apareceram umas caras inteiramente novas. Um cara estendeu a toalha, deitou e dormiu o tempo todo. Nunca tinha visto isso.

Os moradores de Ipanema sugerem que o Padron faça seus pontos no Jardim de Alá, na Praça General Osório, na Henrique Dumont, na Epitácio Pessoa, locais mais amplos, onde não causariam qualquer dano ao fluxo do trânsito. E que a polícia, o 19º Batalhão, dê blitz constantes no bairro. Eles acham que, se continuar do jeito que está, Ipanema no verão vai ser notícia não pelo biquini enroladinho ou pelo sutiã exposto.

— No sábado um sujeito desses ônibus sentou em sua cadeirinha de praia dentro da minha loja para aproveitar o ar refrigerado, enquanto esperava a condução. Tive que chamar os seguranças da rua. Quando chegou na segunda-feira fui abrir os cadeados da

porta e não consegui. Os farofeiros tinham entupido tudo com areia e papel. Precisei serrar. (Dono de uma sofisticada loja de decoração na Visconde de Pirajá, que não se identifica com medo de represálias).

— São grupos enormes, sempre gritando, fazendo bagunça e puxando os cordões de quem passa. Estão criando um cenário de vandalismo e terror. Os moradores por aqui estão assustados (Cesar Santos Silva, Chaika).

— Os passageiros na fila ficam olhando aqui para dentro de um jeito mal-encarado. As freguesas comentam com a gente: "Que horror!" No outro dia tinha um mal-encarado que ficou no ponto um tempão, sem pegar os ônibus. Como estava com a mão enrolada pensamos até que tivesse uma arma dentro. Chamamos a polícia. Viver nesse clima não dá. Essa é a rua das melhores *boutiques* do Rio. Onde é que estavam com a cabeça quando botaram um ponto de ônibus suburbano aqui? (Cristina Campos, vendedora da Spy and Great, em frente ao ponto da Garcia D'Ávila).

Os depoimentos se sucedem, falam de churrasqueiras na praia, de bóias de pneus, do trânsito emperrado atrás das enormes traseiras do Padron. Para que tudo melhore há tanto os que sugerem a mudança dos pontos, a retirada dos ônibus, mais polícia nas ruas, assim como mais educação. Mas pedem pressa. Pois o verão está aí e antes dele o Natal, mês que vem.

— A gente paga imposto tão caro para eles colocarem essa pobreza na porta da gente. Parece até a Central do Brasil. De vez em quando a gente passa

por eles e grita "Japeri". Eles ficam chateados (Ronaldo Mocdes, artista plástico).

— Fica essa negrinagem aí na porta. . . (Cristina Campos, vendedora da Spy and Great).

— Quem tem um nível melhor já está procurando outra praia que não seja Ipanema. Eles não têm classe, não têm educação. Eu sei que a praia é pública, mas é horrível. No outro dia eu estava na praia conversando com a minha irmã, dizendo como os suburbanos são horríveis. Uma suburbana reclamou, mas eu nem dei conversa. Vê se eu vou me misturar (Sonia Barletta, moradora na Rua Vinícius de Moraes).

— Eles têm o direito de ir à praia, mas podiam ir de maneira organizada. Ou senão ficar na praia deles, em Ramos. O governo podia fazer também um lago artificial prá eles lá no subúrbio (Maria Luiza Nunes dos Santos, vendedora da Faganello).

— O turismo vai ser prejudicado, você vai ver. Ou você acha que o pessoal do Caesar Park vai querer se misturar com eles, suas bananas, piquenique. Pode parecer elitista, mas não é não. Os suburbanos atrapalham (Débora Palmerio Fraga, gerente da Faganello).

— É o fim da picada, Ipanema acabou. Na praia ficam agora uns homens gordos passando bronzeador na barriga branca, aquelas cenas de amor de suburbano. Na minha porta é trocador assobiando, uma multidão sempre, gente feia mesmo. Não dá nem prá sair mais com os meus cachorros (Ronaldo Mocdes, artista plástico, acariciando seus cachorros da raça Saluky, de nomes Tramp e Chivas).

— Au, au, au (Tramp e Chivas).

Comunidades Familiares de Base

SEU SER, SUA VIDA E SUA MISSÃO

Todo o MFC já se prepara para participar dos Encontros Latino-Americanos Zonais de 1985. Famílias de toda a América Latina estarão reunidas em quatro cidades de diferentes países para estudar e debater a proposta ou desafio das Comunidades Familiares de Base. Trata-se, quem sabe, de uma possível saída para os impasses que vão surgindo diante das famílias convocadas para desempenhar uma missão complexa e cada vez mais difícil de cumprir-se.

Para que este estudo produza frutos concretos e menos demorados, é preciso que todos se coloquem, desde já, em sintonia com o projeto de abordagem do desafio das comunidades familiares.

Como se apresenta esse projeto? Trata-se de um esquema simples e ao mesmo tempo profundo e abrangente.

PONTOS PRELIMINARES

— A reflexão que faça o MFC deverá ser uma reflexão bem situada no tempo e no espaço, isto é, que dê resposta à realidade do momento em nossos países.

Os dois pontos de referência dessa realidade são, portanto, para nós, a situação especial da América Latina e a

da Igreja neste continente.

— Que vemos na América Latina? Um continente em ebulição, com toda a carga positiva e negativa que implica o penoso caminho do desenvolvimento. Sua maior esperança está na juventude e na riqueza humana da sua gente.

— Que vemos na Igreja? Por todas as partes, vemos comunidades profundamente identificadas com as esperanças e angústias da sociedade, desejosas de viver a autenticidade do Evangelho, buscando respostas novas aos desafios da história de nossos povos.

— Que vemos no MFC? Uma forma de ser Igreja a partir da integração de famílias em equipes que querem chegar a ser autênticas Comunidades Familiares de Base, comprometidas na missão comum de toda a Igreja que é anunciar e atuar na edificação do Reino de Deus. Como?

— através do seu exemplo de vida comunitária, solidária, fraterna, austera e comprometida com a justiça e o amor, com a paz verdadeira e o processo de libertação que se vive hoje na América Latina,

— através da inserção crítica e transformadora na sociedade, contra todas as formas de opressão e desrespeito à dignidade do homem,

- através da abertura a todas as famílias, sem discriminações, buscando conhecer a realidade em que vive a maioria das famílias em nosso continente, suas necessidades e aspirações, com uma autêntica opção pelos pobres e marginalizados, nos quais descobre com maior clareza a face do Senhor,
- através da vivência de uma nova espiritualidade familiar que se expressa no mesmo compromisso de edificação do Reino, a partir da opção pelos pobres e na participação em seu processo de libertação, em atitude profética.

ALGUMAS QUESTÕES QUE SE COLOCAM FRENTE À REALIDADE DO MFC

— Por que se mostra tão difícil levar à prática estes princípios e opções que o MFC vem atualizando e clarificando ao longo do seu processo de reflexão em todos os níveis?

— Por que se mostra tão difícil formarem-se autênticas Comunidades Familiares de Base, tal como se propõe no objetivo do processo de formação do MFC?

CONSTATAÇÃO DA REALIDADE PARA CHEGAR AO TEMA DOS ENCONTROS

Parte-se da constatação de ser cada vez mais difícil, para as pessoas e famílias, isoladas umas das outras, cumprir seu compromisso ético no mundo e desempenhar a missão e funções que a elas se atribuem na sociedade.

Para os cristãos, tal compromisso tem suas raízes e iluminação no Evangelho e constitui uma responsabilidade exigente, urgente e intransferível.

O MFC teve essa intuição desde o início, ao adotar o estilo de ser um movimento de famílias integradas em equipes ou grupos de reflexão e ação.

A experiência levou o MFC a proclamar como objetivo do seu processo de formação, a evolução das suas equipes até formarem verdadeiras comunidades familiares, abertas e comprometidas, como lemos no "EIS O MFC", aprovado na Assembléia Latino-Americana realizada no Panamá.

O TEMA DOS ENCONTROS

Chegamos assim à formulação do tema:

"Comunidades Familiares de Base, seu ser, sua vida e sua missão".

E acrescentamos:

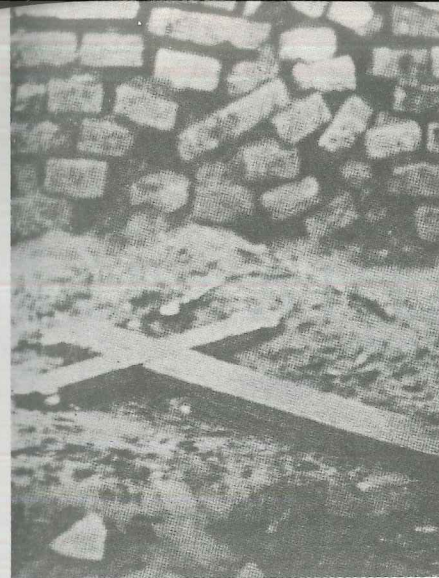
"O MFC como promotor dessas comunidades, uma forma privilegiada de ser Igreja, hoje, em nosso continente, para assim permitir que suas opções se expressem em ações concretas através de seus membros".

PONTOS A CONSIDERAR

— Comunidades familiares em processo permanente de tomada de consciência da realidade em que vivem as famílias concretas em nossos países, suas necessidades, expectativas, aspirações, valores e tipos de vida familiar que adotam.

— Comunidades familiares, uma possível resposta nova aos novos desafios e exigências do mundo de hoje.

— Comunidades familiares, uma possibilidade nova de cumprir, de forma solidária, as funções sociais da família e sua missão transformadora no mundo. Um estilo de vida favorável a fazer mais efetiva a missão de promover a justiça e a opção pelos pobres.



— Comunidades familiares como apoio à inserção orgânica e articulada de seus membros nas estruturas sócio-políticas intermediárias.

— Comunidades familiares como conformação mais viva e real da Igreja doméstica ampliada e comprometida com a evangelização, em seu sentido amplo e abrangente.

— Comunidades familiares como exemplo de vida solidária e austera, de ajuda mútua e fraternidade, sinal do Reino de Deus que Jesus veio anunciar e inaugurar.

— Comunidades familiares como lugar privilegiado para a integração de pais e filhos, e para a participação conjunta de jovens e adultos no mesmo processo de desenvolvimento da consciência crítica e do espírito de serviço à comunidade maior.

— Comunidades familiares como lugar privilegiado para a educação na Fé e para as expressões litúrgicas da Fé.

— Comunidades abertas a todos os tipos e situações de vida familiar, incorporando famílias sem discriminações, por se reconhecerem todos como

famílias incompletas.

Trata-se, então de descobrir:

— Os diferentes tipos e estilos possíveis de Comunidades Familiares de Base: experiências concretas e projetos que se podem esboçar para o futuro. Os diferentes tipos de Comunidades Eclesiais de Base existentes na América Latina (e no Brasil, especialmente), seus êxitos e dificuldades. Quais os pontos essenciais que definem uma Comunidade Familiar de Base, segundo as perspectivas e opções do MFC.

— O processo para motivar a formação de Comunidades Familiares de Base através do MFC.

TODOS ESTAMOS CONVOCADOS A REFLETIR SOBRE ESTA PROPOSTA

A partir destas idéias preliminares, estamos todos chamados a refletir sobre as possibilidades de se multiplicarem comunidades familiares, de diferentes estilos, como resposta aos desafios que surgem diante de cada família.

Cada equipe do MFC está desafiada a uma revisão de vida grupal para avaliar se essa convivência de famílias ou casais tem elementos que a caracterizem como verdadeira comunidade, ainda que imperfeita com toda experiência humana.

O tema é atual e urgente. Aponta para soluções necessárias de problemas familiares que tendem a agravar-se ao longo dos anos que vão encerrar este século, conturbado mas rico de descobertas sobre a dignidade humana e sobre o próprio sentido da vida, tão ameaçada pela loucura de alguns e tão defendida pelo idealismo de tantos, que por esse ideal não hesitaram em sacrificar a sua própria.

ALCEU, RADIANTE ESPELHO

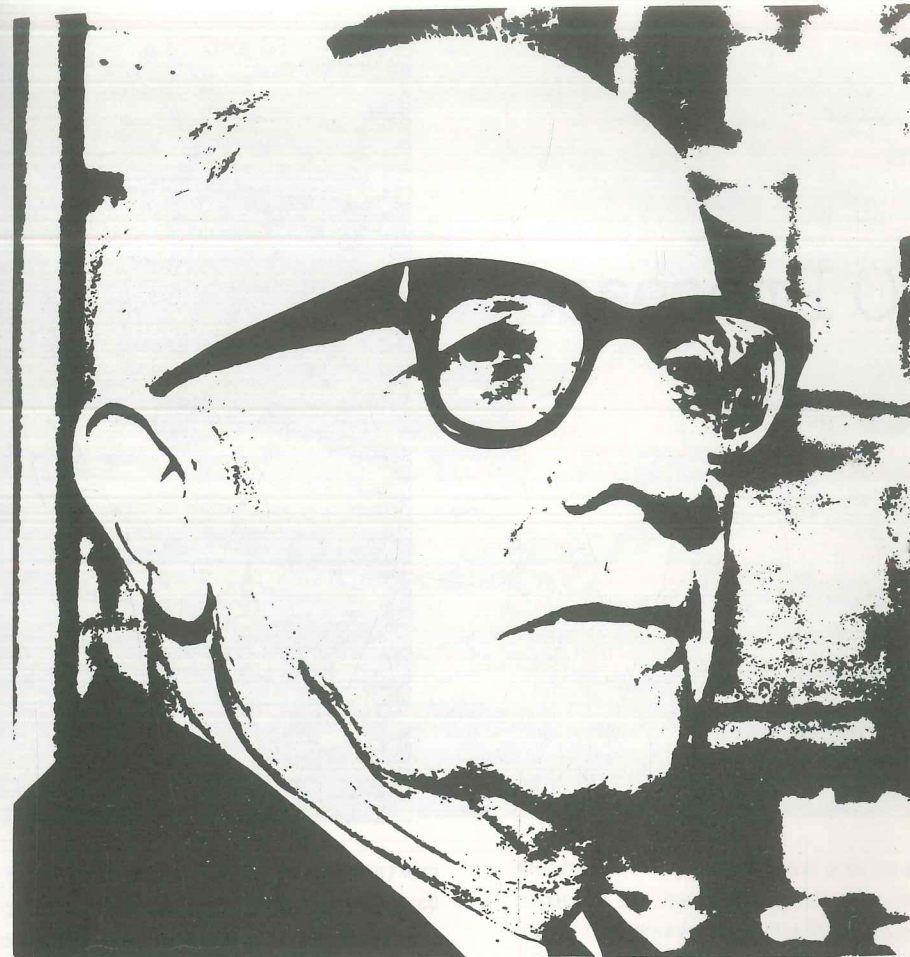
Carlos Drummond de Andrade

Lá se vai Alceu, voltado para o futuro,
Para um sol de infinita duração.
Lá se vai Alceu, sem as melancolias do
passado
Que para ele tinha a forma de um
casarão azul,
E sem as ilusões adolescentes do
progresso.
Julga-se ouvir no seu trânsito
Os acordes da sonata para piano e
violino de César Franck
Que ele tanto amava.
Seu claro riso e humana compreensão
e universal doçura
Revelam que pensar não é triste.
Pensar é exercício de alegria
Entre veredas de erro, cordilheiras de
dúvida,
Oceanos de perplexidade.
Pensar, ele o provou, abrange todos os
contrastes
Como blocos de vida que é preciso
polir e facetar
Para a criação de pura imagem:
O ser restituído a si mesmo,
Contingência em busca de
transcendência.

Lá se vai Alceu: as letras não o limitam
No paraíso da sensualidade das
palavras
que substituem coisas e sentimentos,
Diluindo o sangue de existir.

Para além das letras restam indícios
mais luminosos
De uma insondável, solene realidade
De que muitos tentam aproximar-se
Com a cegueira de seus pontos de vista
E a avidez de sua insatisfação.
Alceu chega bem perto do foco
incandescente
E não tem medo.

Sorri. Venceu o conformismo
Com a classe, a carreira, a biografia.
Alceu, radiante espelho
De humildade e fortaleza entrelaçadas.
Não chora as ruínas da esperança.
Com elas faz uma esperança nova
De que a justiça não continue uma dor
e um escândalo
De incrível raridade.
E sim atmosfera do ato de viver
Em liberdade e comunhão.




Lá se vai Alceu, gentil presença,
Convívio militantes entre solidões de
idéias
Cada vez mais fechadas — e ele aberto
Aos ventos do mundo, à decifração do
lancinante
Anseio de instituir a paz interior
No regaço da paz exterior:

Anseio de homens
Desencontrados, tontos, malferidos

No horror da vida escrava do azinhavre
De moedas viciadas no Poder da Terra.
Alceu tão frágil no seu grande corpo
Que não comanda os rumos da
aventura
Mas adverte, ensina, faz o gesto
Que anima a prosseguir e a procurar
A mais exata explicação do homem.
E lá se vai Alceu, servo de Deus,
Servo do Amor, que é cúmplice de
Deus.

O Processo

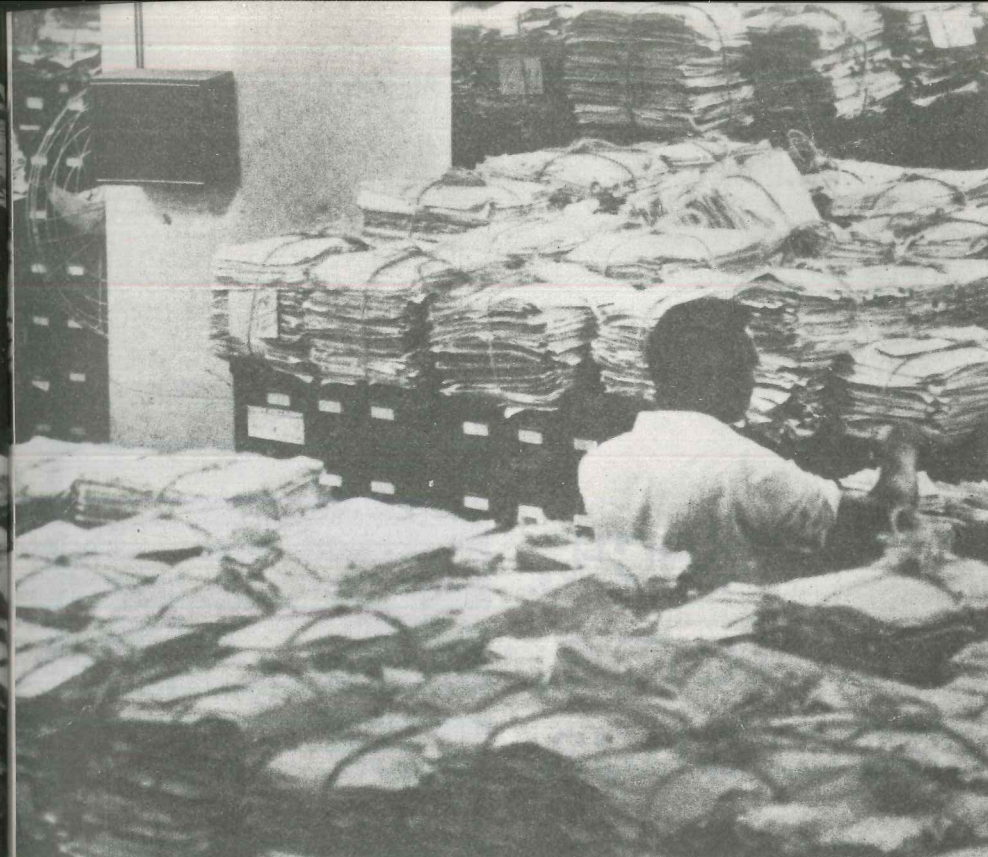
Ápio Campos, sacerdote e poeta paraense, elaborou a Tábua das Leis da desburocratização, com os dez mandamentos que devem ser seguidos e obedecidos por todos os que pretendem livrar-se dos pecados da burocracia.



1. Todo Processo reflete um desejo, reivindica um direito, expressa uma aspiração: trate-o como um pedaço vivo do coração de alguém. Não deixe o sol se pôr sobre um Processo ao fim de seu dia de trabalho.

2. É melhor dar despacho imperfeito do que guardar um Processo na gaveta, até chegar inspiração. Aqui, ao inverso do dito popular, a pressa e a perfeição caminham juntas.

3. Não peça, no Processo, a informação simples que você pode obter pelo telefone e anotar em despacho. O Processo é um caminho rápido para uma decisão justa: não é um álbum de autógrafos.



4. Não passe o Processo adiante, sem que tenha absoluta certeza de que você não pode decidir. Peça ajuda de alguém, se você não sabe decidir.

5. Diga sempre **sim**, a não ser quando se tornar evidente o seu dever de dizer **não**. E só diga **não** quando for de todo impossível dizer **sim**.

6. Diga o **sim** alegremente; diga o **não** com piedade. O **sim** é, por princípio, melhor que o **não**. Mas quando tiver de dizer **não**, diga-o logo: é menos virulento um **não** honesto e imediato do que um **sim** concedido ao cabo de interminável e humilhante burocracia.

7. Não peça a ninguém que prove o óbvio: aquilo que você já sabe ou porque todos sabem ou porque você mes-

mo viu. O sol que nasce não precisa de certidão de nascimento. O dia que morre não apresenta atestado de óbito.

8. O Processo ideal: um requerimento, uma informação, uma decisão. Qualquer Processo deveria concluir-se em uma semana: é tempo suficiente para criar um mundo.

9. Despache sempre como se de sua decisão dependesse a vida de alguém: por vezes depende. Decida sempre como se o interessado fosse seu irmão: ele o é.

10. Há processos frios e sem coração como assassinos: pareceres que agri-dem, despachos que ferem, decisões que aviltam. A letra mata: é o Espírito que vivifica. Crê na palavra e não na letra. Ama o Homem, e não o papel.

Seca, fome, esperança



“Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos.

Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, Sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça. Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

— Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

UM FRAGMENTO DE “VIDAS SECAS”, DE GRACILIANO RAMOS

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. Como isto não acontecesse, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando baixo.

A caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O vôo negro dos urubus fazia círculos altos em redor dos bichos moribundos.

— Anda, excomungado.

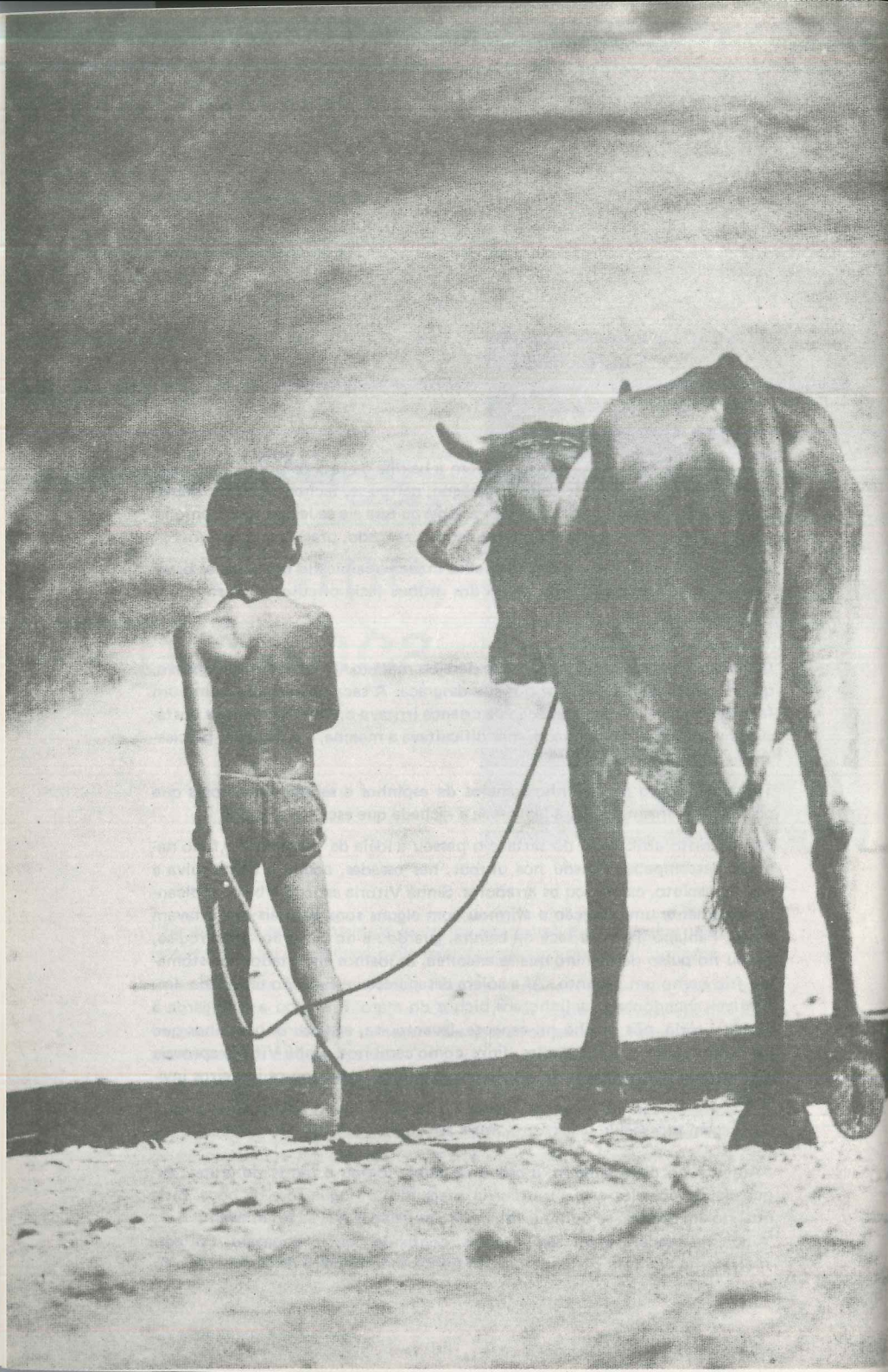
O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar algum por sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário — e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era o culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde.

Tinham deixado os caminhos, cheios de espinhos e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés.

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a idéia de abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a barba ruiva e suja, irresoluto, examinou os arredores. Sinhá Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto. Fabiano meteu a faca na bainha, guardou-a no cinturão, acorrou-se, pegou no pulso do menino que se encolhia, os joelhos encostados ao estômago, frio como um defunto. Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. Entregou a espingarda a Sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos. Sinhá Vitória aprovou esse arranjo, lançou de novo a interjeição gutural, designou os juazeiros invisíveis.

E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silêncio grande.”

“Ausente do companheiro, a cachorra Baleia tomou a frente do grupo. Arquuada, as costelas a mostra, corria ofegando, a língua fora da boca. E de quando em quando se detinha, esperando as pessoas que se retardavam. Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fo-



me apertara demais os retirantes e por ali não havia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto. Agora, enquanto parava, dirigia as pupilas brilhantes aos objetos familiares, estranhava não ver, sobre o baú de folha, a gaiola pequena onde a ave se equilibrava mal. Fabiano às vezes também sentia falta dela, mas logo a recordação chegava. Tinha andado a procurar raízes a toa: o resto da farinha acabara, não se ouvia um berro de rês perdida na caatinga. Sinhá Vitória, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que não se relacionavam: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo uma confusão. Despertara-a um grito áspero, vira de perto a realidade e o papagaio que andava furioso, com os pés apalhados numa atitude ridícula. Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas. O louro aboiava tangendo um galho inexistente e latia arremedando a cachorra.

As manchas dos juazeiros tornaram a aparecer, Fabiano aligeirou o passo, esqueceu a fome, a canseira, os ferimentos. As alpergatas dele estavam gastas nos saltos, e a embira tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas. Os calcanhares, duros como cascos, gretavam-se e sangravam.

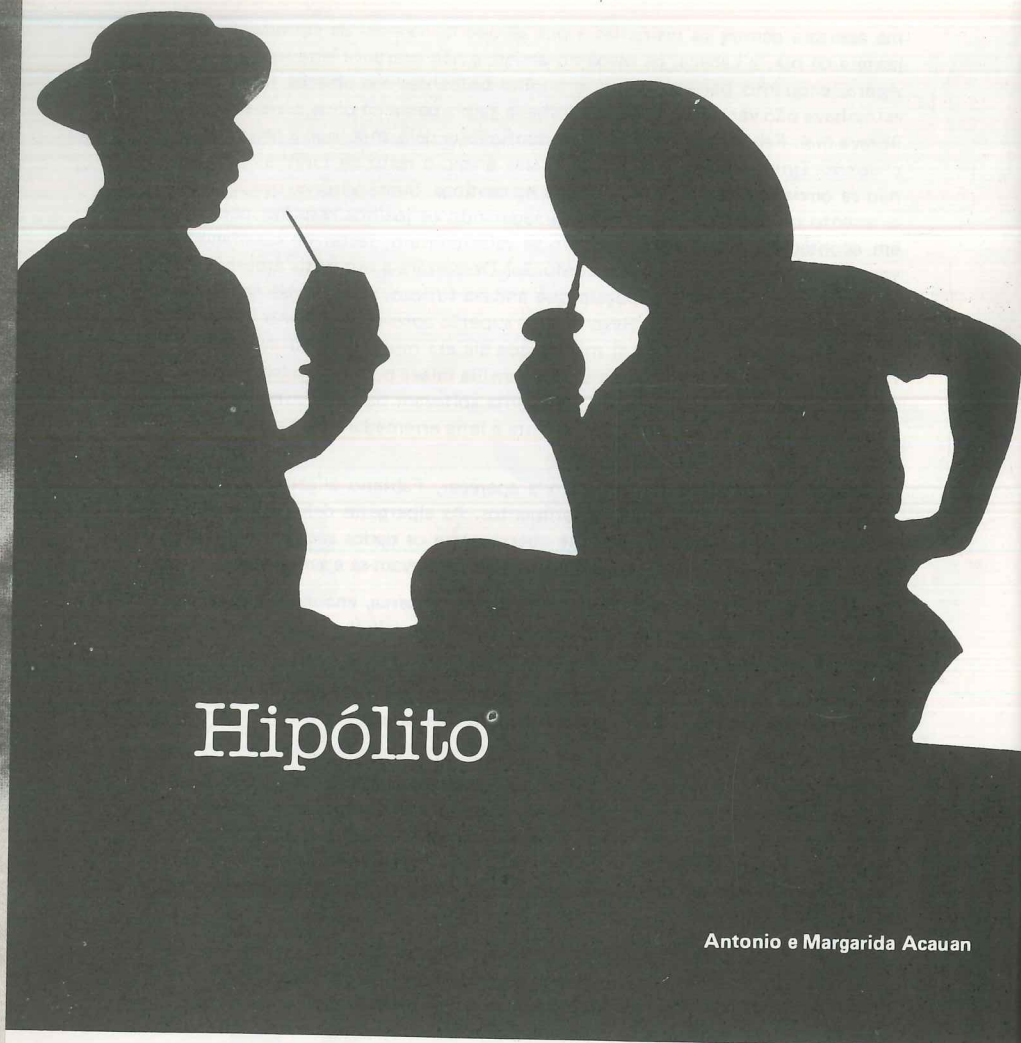
Num cotovelo do caminho avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar. A voz saiu-lhe rouca, medonha. Calou-se para não estragar força.

Deixaram a margem do rio, acompanharam a cerca, subiram uma ladeira, chegaram aos juazeiros. Fazia tempo que não viam sombra."

"Sinhá Vitória acomodou os filhos que arriaram como trouxas, cobriu-os com molambos. O menino mais velho, passada a vertigem que o derrubara, encolhido sobre as folhas secas, a cabeça encostada a uma raiz, adormecia, acordava. E quando abria os olhos, distinguia vagamente um monte próximo, algumas pedras, um carro de bois. A cachorra Baleia foi enroscar-se junto dele.

Estavam no pátio de uma fazenda sem vida. O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa dos vaqueiros fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido."

"O poente cobria-se de cirros — e uma alegria doida enchia o coração de Fabiano... Olhou o céu de novo. Os cirros acumulavam-se, a lua surgiu grande e branca. Certamente ia chover... a lua estava cercada de um halo cor de leite. Ia chover bem. A caatinga ressuscitaria a semente, o gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta... Os meninos gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, Sinhá Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a caatinga ficaria toda verde... Eram todos felizes... A cara murcha de Sinhá Vitória remoeçaria, as nádegas bambas de Sinhá Vitória engrossariam, a roupa encarnada de Sinhá Vitória provocaria a inveja de outras caboclas... A fazenda renasceria... — e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria o dono daquele mundo... Uma ressurreição. As cores da saúde voltariam à cara triste de Sinhá Vitória. Os meninos se espoariam na terra fofa do chiqueiro das cabras. Chocalhos tilintariam pelos arredores. A caatinga ficaria verde."



Hipólito°

Antonio e Margarida Acauan

Teso de nervos, rijo de músculos, de alma alevantada e coração fraterno, assim conheci na minha infância o Hipólito, peão de estância, tropeiro e domador.

Eu madrugava no galpão para ouvi-lo falar da sua mocidade guerreira. À noite, em redor do fogão gaúcho, aguardava ansioso as narrativas daquele soberbo contador de histórias, cuja voz máscula e firme sabia entonar cada feito e cada feito, erguia-se e bruxoleava,

de acordo com as emoções e as recordações. Ao pitar o palheiro, ou fazendo um afago no cão enrodilhado, sabia colocar como ninguém um suspense, dando ao silêncio um valor de fábula e lenda. As brasas chiavam então com mais beleza, e o clarão do fogo pintava-lhe no semblante, sobretudo nos olhos, contra o fundo negro do galpão, brilhos de teatro e coreografia, fulgores de uma rica e poderosa humanidade.

Descrevia com sopitado ardor as tremendas cargas de cavalaria e os entevoros das revoluções em que se vira engajado. O braço ainda lhe retesava, e as mãos porejavam suor, e os músculos maxilares ainda lhe tremiam, quando lembrava os lançamentos, amigos e inimigos tombando a seu lado, e o combate avançando, continuando, feito metade de valentia, metade de medo.

Jamais lhe escapava uma expressão de ódio ou raiva, jamais cometera qualquer barbaridade. Mantivera a condição humana superior em meio à carnificina sem sentido, na qual ele e muitos companheiros nem sequer sabiam por que matavam, e por que morriam. Lutavam levados por um sentido épico das coisas, por uma bravura em busca de horizonte, por um impulso varonil que os chefes revolucionários acaudilhavam.

Pude ver o Hipólito muitas vezes na doma, corajoso e sereno, ativo e dominador, com um ricto de galhardia na boca, depois aberto num sorriso para o cavalo domado, um sorriso de amigo para amigo, um sorriso de quem não tripudia sobre o vencido, mas antes o chama para a convivência e a igualdade. Acariciava longamente o redomão, refrescava-o com a melhor água da cacimba, e ia soltá-lo no poteiro com uma palmada amorosa, acompanhando, com o olhar carinhoso, aquele que era, afinal, o companheiro de uma mesma luta, de uma mesma vida.

O Hipólito nunca se cansava, nunca adoecia, nunca faltava. Nenhuma queixa, nenhuma lamúria naquela existência de ferro. Tudo naquele homem era força, tudo era por inteiro. Uma confiança imensa e cega no destino, um apego brutal ao trabalho, uma quase infinita consciência de que o ho-

mem é como um farrapo de Deus, seguro quando pende da sua túnica, nada quando dela se desgarrar.

Passaram mais de vinte anos quando tive a última notícia do Hipólito. Com os tostões que amealhara numa vida inteira de paciência, fora à Quaraí para realizar o sonho final da sua existência: comprar uma chácara no Areal, para ali terminar seus dias no torrão natal.

Mas como seguia trabalhando, e como havia problemas com o terreno, teve de entregar o caso a um procurador que lhe recomendaram. De quando em quando, numa folga, ia ao Povo, ansioso por arreglar a transação. Sempre havia mais um papel para assinar, mais uma providência a esperar, mais um tropeço a delongar as coisas. De demora em demora, de espera em espera, de papel em papel, o Hipólito se convenceu um dia de que fora logrado. Ficara sem o dinheiro e sem a chácara. Caíra nas mãos sujas de um desses canalhas que andam soltos pelo mundo.

Hipólito não resistiu. Tomado por uma vergonha enorme, um nojo amargo dos homens e dos seus enredos, saiu do Povo ao tranco macio do marchador, e enforcou-se na primeira árvore que encontrou.

Cada vez que vejo pontas de lança farroupilhas exibidas nas vitrinas enfeitadas de setembro, recordo os dedos crispados do Hipólito, herói de tantas canseiras, e os seus olhos fuzilando debaixo da testa suarenta. E me pergunto quantos desses bravos entre os bravos terão tido, na terra que trabalharam com suor e defenderam com sangue, o direito de ocupar um pedaço de chão além daquele onde estão sepultados.

Família: voz e ação em favor dos pobres e dos que sofrem

1. A FAMÍLIA: SUA IMPORTÂNCIA E NECESSIDADES FUNDAMENTAIS

O MFC tem o seu interesse maior centrado na família, por considerá-la um meio privilegiado de formação de seus membros para uma inserção crítica e transformadora na sociedade, onde deverão viver o seu compromisso cristão de edificação do Reino de Deus: a construção de um mundo desde já mais justo e fraterno, prenúncio do Reino definitivo que se realizará na plenitude dos tempos.

O interesse pela família se reforça pela compreensão de se tratar do grupo social mais apropriado para o desenvolvimento equilibrado da pessoa humana, do seu processo de socialização, do amadurecimento da vida afetiva, da construção da própria identidade pessoal, da transmissão de valores humanos e da Fé, do desenvolvimento da consciência crítica e do aprendizado da liberdade e da responsabilidade.

Entretanto, devem ser asseguradas condições adequadas para que as famílias possam realizar tais funções.

Entre estas condições se incluem to-

das aquelas que se poderiam designar como educação familiar, formação para a vida familiar, aprofundamento da Fé e aprendizado para um bom desempenho daquelas funções.

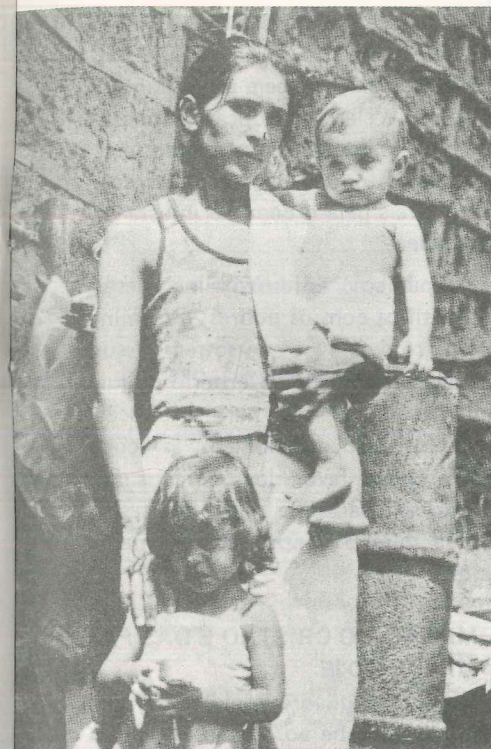
Mas há outras condições primárias, essenciais, que precedem aquelas.

São condições mínimas de vida humana digna, que correspondem aos direitos fundamentais da pessoa e às necessidades centrais para o seu desenvolvimento físico, intelectual e moral.

Incluem a alimentação, a saúde, a educação, a moradia adequada, o trabalho, o salário justo, o seguro social, o amparo na velhice, o acesso aos bens do progresso e da civilização.

2. UMA VISÃO REALISTA SOBRE A SITUAÇÃO DAS FAMÍLIAS NO MUNDO

O que vemos no mundo, com tristeza, é que a maioria absoluta das famílias vivem em condições inumanas de miséria absoluta, subalimentadas, em habitações indignas, promíscuas e insalubres. Pessoas em situação de desemprego ou subemprego, ou em con-



dições de trabalho insuportáveis, mal remuneradas, em total desamparo sob todos os aspectos, limitadas à luta desigual pela simples tentativa de sobrevivência biológica.

As sequelas decorrentes de tais situações vividas desde a primeira infância produzem pessoas incapazes de desenvolver as suas potencialidades e a própria inteligência, ficando condenadas a permanecer definitivamente na triste condição dos grupos oprimidos e discriminados da sociedade, e jamais terão acesso aos benefícios do progresso, cada vez mais restritos às minorias constituídas pelas classes dominantes.

3. AS RAÍZES DESSA SITUAÇÃO

Dentre as causas dessa situação intolerável, estão as injustas relações en-

tre as nações desenvolvidas e as que constituem o Terceiro Mundo, baseadas em mecanismos econômicos concentradores de riqueza, que ampliam continuamente o abismo entre sociedades ricas e sociedades pobres, produzindo e alimentando o escandaloso contraste entre a opulência de alguns países e a miséria dos demais.

A dependência econômica entre nações impõe formas ostensivas ou mascaradas de dependência política, com intervenções externas nos processos de transformações sociais que se esboçam nos países pobres, transferindo para os centros financeiros dominantes grande parcela do poder decisório sobre a ordenação social interna dos países dependentes e seus modelos econômicos.

A corrida armamentista desenfreada e insana, absorve continuamente recursos materiais e econômicos crescentes que seriam suficientes para eliminar a fome, a doença e a miséria no mundo.

No âmbito interno das nações, reproduzem-se os mesmos mecanismos sócio-econômicos concentradores de riqueza, que produzem ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres.

Implantam-se oligarquias familiares e políticas que manipulam os povos e suprimem seu direito de participar na escolha de modelos alternativos de organização social mais justa e igualitária.

As guerras internas produzidas geralmente por essas desigualdades e opressões logo alimentadas pela interferência externa dos polos antagônicos de poder político mundial, agravam o sofrimento e a miséria que as deflagram. Logo esvaziam o conteúdo da motivação original, reduzindo-as a expressões locais do confronto mundial

permanente entre as grandes potências.

A crise atual dos modelos econômicos, a nível mundial, atinge mais severamente o Terceiro Mundo, agravando a miséria dos países pobres, forçados a adotar políticas econômicas recessivas geradoras de desemprego, fome e desalento.

Nas situações aqui descritas, a maioria das famílias perdem o seu lugar social e se vêm impedidas de desempenhar suas funções básicas.

Essas situações interpelam gravemente os cristãos.

4. CONFRONTO DESSA SITUAÇÃO COM O PROJETO DE DEUS PARA O HOMEM

Esse quadro — infelizmente o quadro dominante no mundo — é rigorosamente oposto ao projeto de Deus para o homem, e se contrapõe ao Reino que Jesus veio anunciar e cuja realização definitiva passa necessariamente pelas conquistas históricas em que se manifesta a justiça e a fraternidade.

Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, o que lhe confere uma dignidade intocável e inalienável.

O projeto de Deus para o mundo é, portanto, a plena humanização do homem, para fazer verdadeira essa imagem e semelhança que lhe conferiu.

Vendo que os homens conspiravam contra esse projeto, estabelecendo entre si relações de injustiça e iniquidade geradoras de opressão, miséria e escravidão, Deus assumiu as limitações humanas em Jesus Cristo, para anunciar aos pobres e cativos a Boa Nova da libertação e salvação, denunciando as causas de desumanização presentes no mundo.

Fez-se voz e ação em favor dos espoliados e discriminados de seu tempo.

po, proclamando que deles é o Reino que veio anunciar.

No sermão das bem-aventuras, Jesus deixa claro sua opção pelos pobres e pelos que sofrem, fazendo severo julgamento dos ricos e poderosos, responsáveis pela ordenação injusta da sociedade.

Na parábola do Juízo Final, Jesus se identifica com os pobres, os famintos, os cativos e os que sofrem. Jesus estabelece como único critério de julgamento dos méritos para a salvação ou condenação dos homens, as ações concretas em favor dos pobres e dos que sofrem para que sejam libertados de sua miséria e opressão desumanizantes.

5. MISSÃO DO CRISTÃO E DAS FAMÍLIAS HOJE

Diante de quadro semelhante, em nossos dias, cabe ao cristão assumir a mesma fé de Jesus, agindo como ele agiu, empenhando-se sem limites na edificação do Reino.

Trata-se de engajar-se efetivamente na implantação de relações de justiça, equidade e fraternidade, onde predominam a injustiça, as desigualdades gritantes e a competição desumana.

Tal missão se expressa hoje, de modo privilegiado, na opção pelos pobres e na denúncia dos mecanismos geradores da miséria e da morte.

As famílias querem descobrir os passos concretos para fazer efetiva e verdadeira essa opção que as identificará com a missão de Jesus.

Para isto, reúnem-se famílias do mundo inteiro que, juntas, querem assumir o compromisso cristão de edificação de uma sociedade mais justa e fraterna, aceitando ser voz e ação em favor dos pobres e dos que sofrem.

Cadernos do mfc

Neste número começaremos a publicar uma série de trabalhos resultantes de seminários realizados pelo MFC, no VIII Encontro Latino-Americano de Porto Alegre.

Objetivo:

Incentivar as bases e dirigentes do MFC a realizarem uma profunda revisão do seu ser, sua vida, sua ação.

Diversidade:

Os Cadernos vão abordar os mais variados aspectos da vida do MFC; não só o que se refere à sua organização e metodologia mas também aos serviços que oferece à comunidade.

Seriedade:

Estes textos resultam da experiência dos mais engajados membros do MFC de todos os países da América Latina; foram trabalhados diligentemente pelo secretariado latino-americano, para que nada se perdesse.

Metodologia:

Para facilitar a sua utilização por todos, cada texto oferece bases para clarificar objetivos, identificar e superar dificuldades, pontos de apoio a aproveitar, riscos a evitar e caminhos para reformulações.

Um convite:

Um movimento que não se revê, que não avalia criticamente o seu ser e a sua ação, de modo sistemático e criterioso, vai envelhecendo e morre. Rever-se, reformular-se, rejuvenescer, renovar, atualizar-se, são exigências de um mundo em rápida transformação.

NESTE NÚMERO:

- Promoção da Justiça
- Promoção da Mulher

Promoção da Justiça

José e Beatriz Reis



INTRODUÇÃO

Permanecendo um movimento familiar, não deixa o MFC de reconhecer, como seu, o carisma social. Todas as famílias, sejam de que estilo forem, vivem imersas num contexto social, político e econômico que as condiciona e as delimita, influenciando em seu modo de ser e de agir.

Justamente por ser um movimento cristão vem ele explicitando, cada vez mais claramente, esse carisma social em seus ELAs e em suas AGLAs. É por isso que o carisma do MFC em relação à promoção de justiça se vem concretizando no conjunto de orientações ideológicas ou critérios de ação por ele adotadas — orientações e critérios que se identificam hoje com a linha de Puebla.

De fato, assumindo o compromisso de lutar pela justiça, parte o MFC da visão cristã do homem, fundamentando a sua ação em sua dignidade fundamental: ser, cada homem e cada mulher, imagem e semelhança de Deus.

Sendo, além disso, filhos de Deus, "todo homem e toda mulher (Gal. 5, 13-14), por mais insignificantes que nos pareçam, carregam consigo uma nobreza inviolável que eles próprios e os outros devem respeitar e fazer respeitar sem condições" (Puebla 317).

"A aceitação dessa concepção do homem carrega consigo o compromisso de não medir sacrifício para assegurar, a todos os homens, a condição de autênticos filhos de Deus e irmãos em Cristo." (Puebla 490.)

Como parte do povo de Deus assume o MFC compromisso com a luta pela libertação e promoção integral do homem, optando por uma ação ao mesmo tempo profética e libertadora, fazendo sua opção preferencial de solidariedade com os pobres.

E, por isso, como movimento evangelizador, assume o MFC, como seus, os compromissos de Puebla. De acordo com eles procurará empreender, de forma decidida, a promoção da justiça compreendida como luta pelo desen-

volvimento integral do homem contra toda sorte de opressão que despreze sua dignidade, como imagem e semelhança de Deus.

AMPLITUDE DESSA TOMADA DE POSIÇÃO

Já o Sínodo dos Bispos, reunido em 1971 explicitou que a ação pela justiça é parte constitutiva da pregação do Evangelho. E, como tal, a promoção da justiça é missão também da Igreja.

Reconhecendo como seu o carisma social, coloca-se o MFC no ritmo de caminhada geral do povo de Deus em âmbito mundial e, especialmente, em âmbito latino-americano. Assume ele assim um trabalho conjunto com a comunidade, quer eclesial, quer civil, comprometendo-se em lutar, em sua área de ação, para criar caminhos que permitam a vivência, por todos os homens, de um contexto justo e libertador.

Esse compromisso, por ele assumido, consiste em denunciar a injustiça e,

ao mesmo tempo, anunciar, de modo vivencial, o mundo novo, mundo de libertação, de justiça e de paz. Esse mundo só poderá ser entrevisto, verdadeiramente, a partir da ótica dos pobres. E a vivência da pobreza evangélica será o caminho indispensável para cumprimento do compromisso assumido pelo MFC.

EXPLICAÇÕES NECESSÁRIAS

"Esta opção não desvirtua o carisma social do MFC (trabalhar em favor da família); antes o enriquece na missão de levar a boa nova à sociedade, de que a família é célula medular."

A ampliação de seu carisma original dá ao MFC maior amplitude de ação, possibilidade de aderir a perspectivas mais realistas e de planejar, a longo e médio prazos, programas mais eficientes, dando-lhe ainda possibilidade de caminhar junto com a comunidade latino-americana, procurando, com ela, perspectivas e caminhos mais humanos e mais evangélicos para as famílias de

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

ARTIGO I. Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

ARTIGO II. Todo homem tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição.

Além disso, não se fará distinção alguma baseada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território de cuja jurisdição dependa uma pessoa, quer se trate de país independente, como de território sob administração fiduciária, não autônomo ou submetido a qualquer outra limitação de soberania.

ARTIGO III. Todo homem tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

ARTIGO IV. Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas.

hoje e de amanhã.

Sua ação profética e libertadora consistirá, portanto, de modo geral, em realizar "uma ação capaz de influenciar as estruturas sociais desumanizantes, denunciando situações de injustiça que afetem a dignidade da pessoa humana bem como a integridade e os valores da família". Isto significa "colaborar na criação de condições sociais mais justas e que possibilitem e favoreçam a sobrevivência e a promoção da família".

Significa pois, esta opção tomada pelo MFC:

- Como movimento de Igreja deve o MFC procurar "discernir e iluminar, a partir do Evangelho, e de seu ensinamento social, as situações, os sistemas, as ideologias e a vida política do Continente". Isto porque "a dimensão política constitutiva do homem, tem como fim o bem comum. E então, a fé cristã deve valorizá-la e criticá-la, sem de deixar influenciar por ela" (Puebla 513).

"Como instituição deve pois o MFC ter uma atitude cívica e política, construtivamente crítica, que ajude ao desenvolvimento de toda a sociedade, procurando não identificar-se com ideologias, sistemas, governos e partidos políticos."

NECESSIDADES DE CONSTATAÇÕES SOCIOLOGICAS COMO FONTE DE AÇÕES PROGRAMADAS

Se o MFC se compromete a agir no terreno sócio-político, econômico e cultural da América Latina, é necessário que seus membros o conheçam muito bem.

Como vimos no período de preparação do VIII ELA, as situações de injustiça em que vivem os latino-americanos abrangem:

- "a área sócio-econômica empobrecendo a maior parte da população, produzindo desigualdades sociais entre os poucos que têm e os muitos que não têm"

- "a área política, excluindo da participação na organização social a imensa maioria da população e produzindo regimes de força"

- "a área sócio-cultural, marginalizando grupos ou pessoas no campo educativo ou social."

Procurando realizar a sua opção por uma opção em favor da justiça, vem o MFC procurando, tanto em âmbito continental quanto nacional e regional:

- "implantar meios de formação e de ação para a tomada de consciência de seus membros, procurando levá-los a agir em favor da justiça."

- "servir-se de uma metodologia adequada para expor a doutrina social da Igreja, baseada em Puebla e nos principais documentos que a precederam" (Populorum Progressio, Medellín, Octogésima Adveniens, Evangelii Nuntiandi, etc).

- "procurar, por meio dessa metodologia não apenas informar, mas motivar os membros do MFC para que assumam, como famílias cristãs, seu papel de protagonistas, lutando contra as situações de injustiça que afetam o bem comum" ("Perspectiva familiar de uma ação em favor da justiça" — SPLA — Apêndice à Ata da AGLA do Panamá — março de 1979).

PEDRAS NO CAMINHO

Não tem sido fácil esse caminho do MFC. O Movimento encontra, a cada passo, dificuldades, desafios e riscos. Sem se deixar desanimar, o MFC assume uma atitude realista, procurando identificar uns e outros, para poder responder melhor às interrogações que

os fatos concretos lhe apresentam.

Foram identificadas dificuldades gerais e dificuldades próprias do MFC.

As dificuldades gerais foram assim relacionadas:

— A opção do MFC por uma ação em favor da justiça exige que o MFC, como instituição, e seus membros, em particular, lutem por mudanças estruturais procurando criar, assim, condições mais justas que permitam às famílias concretas, realizarem-se plenamente, de acordo com sua missão. Essa luta significa, na maior parte das vezes, rompimento com o sistema e com as conseqüências que dele resultam pois opções como esta não podem ser assumidas fora da história à margem do nosso contexto real.

Essa opção deve ser vivida numa comunidade dividida. Existe tensão no interior da Igreja, nas comunidades civis e dentro do próprio MFC — tensão entre os que enfatizaram a dimensão espiritual da evangelização, e os que a vêem como serviço da promoção integral do homem todo e de todos os homens, dentro do plano de salvação trazido pelo Cristo.

A existência dessa tensão cria radicalismos que geram o temor da repressão oficial e oficiosa, tanto de parte do poder civil, como do poder eclesiástico. Todos nós sabemos que, em quase todos os países da América Latina, existe um processo de opressão coletiva e individual àqueles que lutam pela mudança da ordem estabelecida; e o que é mais grave: todos sabemos, ainda, que, em caso de mudança do sistema, os oprimidos assumindo o poder, imitam, mesmo involuntariamente, os opressores destituídos, criando novas formas de opressão.

— O conflito Igreja—Estado, sempre

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

ARTIGO V. *Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.*

ARTIGO VI. *Todo homem tem direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa humana, perante a lei.*

ARTIGO VII. *Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.*

ARTIGO VIII. *Todo homem tem direito a receber, dos tribunais nacionais competentes, remédio efetivo para os atos que violem os direitos fundamentais que lhe sejam reconhecidos pela constituição ou pela lei.*

ARTIGO IX. *Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado.*

ARTIGO X. *Todo homem tem direito, em plena igualdade, a uma justa e pública audiência por parte de um tribunal independente e imparcial, para decidir de seus direitos e deveres ou do fundamento de qualquer acusação criminal contra ele.*

contornado, cria medo de represálias aplicadas em nome da Lei de Segurança Nacional — essas represálias vão desde o desemprego, à prisão, expulsão, tortura e desaparecimento sumário dos perseguidos.

— O paternalismo das soluções governamentais cultiva a ignorância dos pobres sobre sua própria realidade, impedindo-o, muitas vezes, de assumir o processo de sua libertação.

— A existência de uma crise de formação cristã dentro da própria Igreja leva a catequese a se estruturar como educação clerical, tornando o leigo totalmente dependente da Hierarquia que detém e usa de todos os poderes. Esse leigo assim infantilizado, torna-se inseguro diante dos novos caminhos, das conseqüências que não pode prever e de suas possíveis falhas. Essa falta de coragem o impede de assumir os compromissos com seus riscos correspondentes, tornando-o acomodado e tranqüilo.

No entanto, o que se espera do leigo hoje é que seja capaz de romper com a ordem estabelecida, sempre que esta sirva à injustiça institucionalizada; tente criar, ao mesmo tempo, uma realidade diferente, expressando sua fé em atitudes e testemunhos concretos, como respostas a situações concretas; aceite o desafio de uma conversão constante, constantemente revista, assumindo atitude crítica ante fatos concretos; procure encontrar respostas novas para os desafios atuais, sem medo de assumir a crise presente com sua exigência de ruptura com o momento anterior e de abertura ao futuro.

E foram assim identificadas as dificuldades inerentes ao próprio MFC:

— a idade média dos casais do MFC é de 40 anos. Isto dificulta, de certa



forma, rupturas e novos começos, principalmente quando essa nova visão entra em choque com a formação mefestica tradicional, alienada das grandes orientações da Igreja hoje.

— temor que se identifique o MFC como movimento marxista, por sua opção e por sua linguagem.

— temor da possível instalação de um cisma dentro do MFC, pois apenas os seus membros mais conscientizados aceitam sua atual opção. Falta em geral nas bases do MFC, capacitação, consciência crítica, convicção, formação, perspectiva objetiva da realidade, sentido comunitário.

Embora procurando fazer face a tudo isto, o Movimento ressent-se ainda por:

- falta de líderes e de agentes realmente comprometidas

- falta de planejamento a médio e longo prazos

- falta de uma metodologia adequada que lhe permita entrar em contato com grupos marginalizados

- falta de apoio e compreensão da Hierarquia

- falta de reciclagem teológica
- falta de conhecimento das ciências humanas

- falta de educação comunitária de seus membros levando-os a usar a reflexão como fuga da ação

- falta de possibilidades de se fazer uma análise profunda dos projetos a serem realizados

- falta de possibilidades financeiras para levá-los adiante

E, por último, temor das entidades monopolizadoras da técnica, quando se sentirem prejudicadas pelo MFC.

ALÉM DAS DIFICULDADES, RISCOS DE TODA SORTE

Seguem-se às dificuldades, alguns riscos previsíveis, tais como:

- ser a mensagem do MFC, instrumentalizada e colocada a serviço de ideologias, sistemas e partidos políticos, criando, para o movimento, uma imagem subversiva;

- mirar utopicamente o socialismo considerando libertador em si mesmo, esquecendo-se de que suas formas históricas têm sido geralmente violentas e desrespeitosas dos direitos do homem. Ou então, deixar de denunciar a realidade opressiva do capitalismo por medo do marxismo;

- buscar, o MFC, caminhos pastorais paralelos ou divergentes do caminho do magistério latino-americano pela promoção da justiça;

- poder contribuir o MFC para o agravamento da luta de classes;

- possível criação no MFC de um mecanismo opressivo não auto-crítico que o leve a tomar opções sem conhecimento de suas bases, em situações não especiais, contribuindo assim para oprimir e não para ajudar a libertação de seus membros;

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

ARTIGO XI. Todo homem acusado de um ato delituoso tem o direito de ser presumido inocente, até que sua culpabilidade tenha sido provada de acordo com a lei, em julgamento público, no qual lhe tenham sido asseguradas todas as garantias necessárias a sua defesa.

Ninguém será condenado por atos ou omissões que, no momento em que foram cometidos, não tenham sido delituosos segundo o direito nacional ou internacional. Tampouco será imposta penalidade mais grave do que a aplicável no momento em que foi cometido o delito.

ARTIGO XII. Ninguém será sujeito a interferências na sua vida privada, na sua família, no seu lar ou na sua correspondência nem a ataques a sua honra e reputação. Todo homem tem direito à proteção da lei contra tais interferências ou ataques.

ARTIGO XIII. Todo homem tem direito à liberdade de locomoção e residência, dentro das fronteiras de cada Estado.

Toda pessoa tem direito a sair de qualquer país, inclusive do próprio, e a ele regressar.

- possibilidade de romantizar, desnaturalizar e falsificar a pobreza se não formos realmente pobres;

- possibilidade de institucionalizar os pobres fazendo-os servir à nossa própria perspectiva ou colocando-os como simples objetos de ação pastoral.

POSSIBILIDADES DE SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES E DOS RISCOS PREVISÍVEIS

Tanto as dificuldades quanto os riscos podem ser considerados não como pedras de tropeço, mas como desafios a uma ação mais consciente e mais realista do MFC.

Foram sugeridas as seguintes linhas de ação como tentativa de se superar as dificuldades gerais:

- incentivar o trabalho em comunidade dando-lhe maior amplitude, associando-se, para isto, a outros movimentos que trabalham nesta mesma linha. Desenvolver ações que envolvam o maior número possível de pessoas dificulta a ação repressora. Sentindo-se, além disso, parte integrante da comunidade mais ampla, o cristão perde, em geral, o medo das represálias e tem coragem de se inserir em organizações populares e políticas, nelas procurando articular adequadamente a teoria (ideal evangélico) e a práxis;

- procurar trabalhar de forma organizada e comunitária para poder pressionar os governos totalitários e exigir as mudanças estruturais necessárias;

- procurar o MFC superar o dualismo milenar que nos condiciona a todos tentando superar a dicotomia humano-cristão, procurando, ao mesmo tempo, caminhos vivenciais integradores. Isto supõe que o MFC explicita a fundamentação evangélica de sua opção pela justiça e de seu trabalho conseqüente; conscientize constante-

mente os seus próprios membros; organize um constante processo de resistência pacífico-solidária, procurando dialogar com os pobres, dispondo-se a aprender com eles, modificando mesmo a nossa própria noção de cultura; procure dialogar com a hierarquia tentando conscientizá-la sobre a missão e a autonomia do leigo como fala o Concílio Vaticano II; procure conscientizar as comunidades mais amplas sobre as exigências da justiça; procure unificar critérios entre os vários agentes da pastoral para conseguir coesão e força; procure trabalhar em harmonia com a hierarquia e os assistentes sociais quando isto for possível; procure trabalhar diretamente com os pobres, conscientizando-os para que se tornem protagonistas de sua própria libertação.

Para tentativa de superação das dificuldades inerentes ao próprio MFC, sugeriu-se:

— ampliar a democracia interna dentro do MFC, promovendo a participação das bases tanto no estudo quanto na deliberação e execução dos projetos de ação.

Para isto poderá o Movimento:

- aproveitar seus próprios elementos com seus conhecimentos profissionais variados; intensificar e buscar novos canais de comunicação entre os dirigentes e as bases procurando nelas despertar lideranças através do conhecimento de suas metas e prioridades.

- aumentar o número de encontros e assembléias tanto a nível latino-americano quanto nacional e regional, nos quais se promova o estudo das ciências humanas e constante reciclagem teológica; se aprofunde a mística da solidariedade evangélica.

Nesses eventos os mefecistas poderão tomar consciência das grandes orientações e das grandes decisões da Igreja Latino-Americana, concretizadas em Puebla.



DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

ARTIGO XIV. *Todo homem, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e gozar asilo em outros países.*

Este direito não poderá ser invocado contra uma ação judicial realmente originada em delitos comuns ou em atos opostos aos propósitos e princípios das Nações Unidas.

ARTIGO XV. *Todo homem tem direito a uma nacionalidade.*

Não se privará ninguém arbitrariamente da sua nacionalidade nem do direito de mudar de nacionalidade.

ARTIGO XVI. *Os homens e as mulheres de maior idade, sem qualquer restrição de raça, nacionalidade ou religião, têm o direito de contrair matrimônio e fundar uma família. Gozam de iguais direitos em relação ao casamento, sua duração e dissolução. O casamento não será válido senão com o livre e pleno consentimento dos nubentes. A família é o núcleo natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção da sociedade e do Estado.*

ARTIGO XVII. *Todo homem tem direito à propriedade, só ou em sociedade com outros. Ninguém será arbitrariamente privado de sua propriedade.*

• implantar, em todos os Países, o novo processo pedagógico do MFC aprovado e recomendado pela AGLA do Panamá aproveitando, para isto, os modernos recursos pedagógicos existentes, a análise da realidade de cada País e a confrontação dessa realidade com as exigências evangélicas.

• criar cursos freqüentes para as bases do MFC com mensagens simples e claras sobre política sócio-familiar, como meio de educar para a cooperação.

• formar equipes de casais jovens.

• POSSÍVEL REDUÇÃO DOS RISCOS

Analisando os possíveis riscos previstos, os participantes desse seminário colocaram em pauta uma questão fundamental: que política vamos estabelecer, a partir das exigências da fé? Da resposta a essa pergunta surgirão graves e urgentes colocações norteadoras sobre a luta pela implantação da justiça, pela criação do homem novo, da nova sociedade fundamentada na comunhão e na participação de todos. Essa perspectiva do problema coloca no centro da reflexão do MFC, os grandes problemas da fé no mundo — o grande problema da vivência de uma espiritualidade libertadora.

Para que essa reflexão seja traduzida em ação comunitária sugerem os participantes desse seminário:

• independência do MFC frente aos partidos políticos;

• unir-se o MFC a outros grupos que já trabalham nas bases populares;

• utilizar o Movimento a imprensa livre e as agências de publicidade que propugnam pela criação de estruturas mais humanas;

• apoiar-se o MFC em entidades científicas que têm recursos didáticos e tecnológicos apropriados para a ação programada;

• criar o MFC Secretariados de Justiça e Paz, Formação, Comunicação e Divulgação para que possa criar, no povo, consciência de seus direitos e deveres;

• reclamar apoio da comunidade;

• reclamar apoio das equipes de base em todas as circunstâncias concretas de desrespeito aos direitos humanos;

• solidarizar-se com o MFC de cada País, quando este estiver em dificuldades;

• solidarizar-se com o povo de algum País quando ele sofrer alguma forma de repressão por sua ação evangelizadora;

• enviar cartas de protesto aos governantes que oprimem seus povos.

Tudo isso deverá ser feito, no entanto, respeitando o MFC a caminhada de suas várias equipes de base, mesmo as mais tradicionais.

PONTOS DE APOIO

O MFC não caminha sozinho. Daí sua força e sua maior possibilidade de atuação.

Existe, como embasamento geral, a pedagogia de Paulo Freire exposta em livros e conferências.

Existe a Teologia da Libertação com suas teses existenciais e políticas. Vários documentos da Igreja universal pós-conciliar e da Igreja Latino-Americana clarificam a questão explicitando orientações e decisões nesse sentido; a pastoral de conjunto Latino-americano; o subsídio apresentado pelas ciências humanas e sociais bem como pelos métodos de análise científica da realidade faz surgir comunidades de periferia, comunidades de base que buscam nortear sua ação como respostas às próprias necessidades e como exigência de sua religiosidade popular, percebidas através da vivência litúrgica não

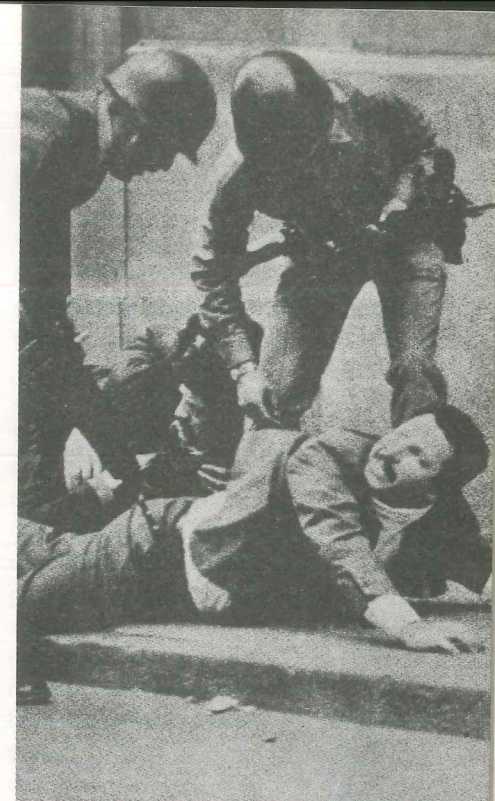
instrumentalizada.

Essas comunidades se transformam, cada vez mais, em autênticos grupos de pressão.

Sendo um movimento latino-americano tem o MFC a possibilidade de se conectar com outros movimentos igualmente comprometidos e com diversas comissões de Justiça e Paz de vários países, bem como com a imprensa independente, lutando com elas por uma solidariedade latino-americana, desde que trabalhe, ao mesmo tempo, por sua unidade interna.

APROVEITAMENTO DOS PONTOS DE APOIO

Vivendo em união com a Igreja Latino-americana poderá o MFC tomar conhecimento da literatura teológico-pastoral que respalda sua opção preferencial pelos pobres e poderá divulgá-



DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

ARTIGO XVIII. *Todo homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião. Este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelas observâncias, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.*

ARTIGO XIX. *Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão. Esse direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.*

ARTIGO XX. *Todo homem tem direito à liberdade de reunião e associação pacíficas. Ninguém pode ser obrigado a fazer parte de uma associação.*

ARTIGO XXI. *Todo homem tem direito de tomar parte no governo do próprio país e de ter acesso ao serviço público.*

A vontade do povo é a base da autoridade do poder público; esta vontade deverá ser expressa mediante eleições autênticas que deverão realizar-se periodicamente, por sufrágio universal e igual, e por voto secreto ou outro procedimento equivalente que garanta a liberdade do voto.

la, conscientizando assim não só seus membros, mas a comunidade em geral. Poderá ter, então, participação mais ativa e questionante na pastoral de conjunto, cooperando para que ela parta de situações e fatos concretos para a análise do sistema que lhes dá origem e os mantém. Poderá assim o Movimento fomentar, dentro e fora de seus quadros, formas de resistência pacífica.

Outra área ao seu alcance: partir para a interpretação crítica das mensagens transmitidas pelos meios de comunicação social. Poderá, ainda, o MFC, por meio de intercâmbio de experiências, aproveitar o material didático existente em outras organizações ou instituições semelhantes evitando, assim, multiplicação de iniciativas semelhantes. Poderá ela ainda procurar atingir sindicatos, associações de pais e escolas primárias, secundárias e universitárias, assumindo, por meio de seus membros, cursos de moral e cívica, cursos de pastoral sócio-familiar.

Poderá aproveitar a catequese familiar para despertar as famílias, motivando-as a assumir sua missão na luta pela promoção da Justiça.

A ação do MFC nos colégios e universidades despertará, nos jovens, interesse em trabalhar conosco.

Deverá o MFC dar apoio especial às equipes que já assumiram essa nova perspectiva e já se colocaram em ação, ao mesmo tempo em que, ampliando seus centros de decisão, apoia e incentiva as ações surgidas nos grupos de base, não sendo paternalista em suas relações com esses grupos, nem com os pobres e marginalizados.

Procurando vincular às nossas opções e às nossas ações em favor da justiça pessoas que não pertencem aos seus quadros tentará o MFC organizar

comunidades familiares que adotem a perspectiva e os valores dos pobres para com eles construirem o mundo novo.

OPÇÕES DA IGREJA LATINO-AMERICANA E SUAS REPERCUSSÕES NO MFC

Deixamos aqui, como lembrete, uma lista das principais opções da Igreja Latino-americana na linha de que agora nos ocupamos:

- opção preferencial pelos pobres e marginalizados,
- opção pelos jovens,
- opção pela família (divulgação de seus direitos e deveres),
- defesa dos direitos humanos,
- evangelização em toda a sua amplitude: promoção, pelos cristãos, de uma política social centrada no homem e em sua dignidade fundamental; construção de uma ordem social mais justa, marcada pela comunhão e pela participação.

Como todos poderão notar, o MFC adota, como suas, essas opções, procurando realizá-las dentro de seu âmbito de trabalho. Para isto, tem procurado:

- usar uma pedagogia libertadora que conscientize seus membros sobre a necessidade de adotarem uma vivência evangélica integral;
- usar métodos de análise dialéticos da realidade para analisá-la e criticá-la dentro das exigências evangélicas;
- integrar-se nas Comunidades Eclesiais de Base para, com elas, assumir atitudes concretas nas ações pela justiça no âmbito social;
- exigir, de seus membros, lutar pela justiça, assumindo atitudes concretas e libertadoras;
- procurar conscientizar a hierarquia sobre a necessidade de sua união

com o laicato e de seu apoio às suas grandes decisões.

UMA ANÁLISE DA REALIDADE FAMILIAR

Os participantes desse seminário assim esquematizaram os aspectos mais gritantes da realidade familiar da América Latina:

Vigência de um sistema injusto gerando uma sociedade opressora na qual faltam condições humanas de vida para grande maioria de pessoas e famílias. São mantidas estruturas econômicas, educacionais e fundiárias inadequadas, gerando a marginalização de grande maioria no campo educacional, violação dos direitos humanos fundamentais, salários que não atendem às necessidades primordiais, fome e pobreza absoluta na maior parte das populações, falta de garantias ao camponês sobre a posse da terra, falta de garantias aos trabalhadores. Nesse sistema que não permite a promoção da pessoa humana existe convivência dos poderes públicos com o sistema de exploração dos poderes econômicos. Pela falta de responsabilidade dos poderes políticos, instalam-se em nossos Países companhias multinacionais que usufruem de nossa riqueza à custa do empobrecimento cada vez maior da população. O poder público se mantém à custa de demagogia, de mentiras, de opressão mascarada de leis de segurança nacional.

Nesse contexto vivem em condições sub-humanas a maior parte das famílias da América Latina. Tendo elas recebido uma catequese dualista e individualista, abstém-se, em geral, de tomar qualquer atitude questionante, acomodando-se e resignando-se à opressão exercida pelos poderes políticos.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

ARTIGO XXII. *Todo homem, como membro da sociedade, tem direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada Estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis a sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade.*

ARTIGO XXIII. *Todo homem tem direito ao trabalho, à livre escolha do emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego. Todo homem, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho. Todo homem que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure, assim como a sua família, uma existência compatível com a dignidade humana e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social. Todo homem tem direito a organizar sindicatos e a neles ingressar para a proteção de seus interesses.*

ARTIGO XXIV. *Todo homem tem direito a repouso e lazer, inclusive à limitação razoável das horas de trabalho e a férias remuneradas periódicas.*



As próprias famílias do MFC sofrem esse condicionamento por falta de evangelização e conscientização. Refugiam-se, por isso, no conservadorismo teológico e não compreendem o que tem a ver a vivência da espiritualidade conjugal e familiar com as exigências de compromisso de se lutar pela justiça, na linha de opção pelos pobres — consequência do dualismo que vem marcando a espiritualidade cristã e, especialmente, a espiritualidade familiar.

Essa falta de formação evangélica em nossas famílias as torna alheias à necessidade de se criar uma nova sociedade, baseada na comunhão e na participação. Vem da superficialidade de sua fé e da deficiência de conhecimentos doutrinários, o aburguesamento ge-



ral das equipes de base do MFC e a rejeição de alguns de seus membros da luta pela superação de estruturas de pecado, tanto na vida pessoal quanto social. A insegurança causada pela ignorância e o temor das represálias torna-as acomodadas às decisões dos poderes públicos.

Essa situação se apresenta ao MFC como um verdadeiro desafio. Ele terá que encontrar caminhos para tornar suas bases operantes e solidárias.

E esses caminhos terão que passar pela evangelização das várias culturas latino-americanas. Essa evangelização supõe despertar para os valores evangélicos os centros de interesse, os valores culturais, as motivações fundamentais que orientam e condicionam a vida dessas famílias. Para isto terá o MFC

que criar associações comunitárias (comunidades familiares) que trabalhem na promoção de ambientes de comunicação, de integração e de participação. Essas comunidades deverão ser formadas por famílias pobres e oprimidas (famílias de camponeses, de indígenas, negros, operários, etc) pois é a partir de sua ótica que deverá ser construído o mundo novo, baseado na promoção dos direitos do homem e dos direitos e deveres das famílias. Essa promoção supõe que as organizações comunitárias do MFC assumam posição e ação política, embora se devam conservar como comunidades desvinculadas de qualquer partido político.

Toda essa programação supõe a instalação de um processo de revisão e de reformulação (a nível pessoal, familiar

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

ARTIGO XXV. Todo homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle.

A maternidade e a infância têm direito a cuidados e assistência especiais. Todas as crianças, nascidas dentro do matrimônio ou fora dele, têm direito a igual proteção social.

ARTIGO XXVI. Todo homem tem direito à instrução. A instrução será gratuí-

e comunitário) de uma espiritualidade fechada e alienante, até bem pouco tempo cultivada como espiritualidade genuína e ideal.

COMPROMISSOS ASSUMIDOS PELO MFC NA AGLA DO PANAMÁ

"Como agente de evangelização o MFC, a partir de perspectivas e da realidade anteriormente descrita, reconhece o clamor sentido nos ELAs de Santiago, Bogotá e Quito, assume os compromissos de Puebla e empreenderá, de forma decidida, a promoção da justiça, entendida esta como desenvolvimento integral do homem e a luta contra toda forma de opressão que despreze a visão e a dignidade do homem co-

ta, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz. Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos.

ARTIGO XXVII. Todo homem tem o direito de parti-

mo imagem e semelhança de Deus."

"Como corresponsáveis de anunciar o Reino de Deus entre os homens devemos combater, através dos membros de nossa família, situações de injustiça, tais como:

— a *sócio-econômica* que empobrece a maior parte da população e produz desigualdades sociais que clamam ao céu, entre os poucos que têm tudo e os muitos que não têm quase nada, trazendo como consequência uma injusta distribuição de renda bem como o uso abusivo do direito de propriedade privada, sobre o qual "pesa uma hipoteca social" (João Paulo II, Discurso inaugural de Puebla);

— a *política* que exclui da participa-

cipar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios. Todo homem tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor.

ARTIGO XXVIII. Todo homem tem direito a uma ordem social e internacional em que os direitos e liberdades estabelecidos na presente Declaração possam ser plenamente realizados.

ARTIGO XXIX. Todo homem tem deveres para com a comunidade, na qual é possível o livre e pleno desenvolvimento de sua personalidade. No exercício de seus direitos e liberdades, todo homem está sujeito

ção na organização social a imensa maioria da população e produz regimes de força injustos;

— a *sócio-cultural* que limita a grupos ou pessoas os benefícios no campo educativo ou social;

— a *religiosa* que nega a tantas famílias necessitadas o perdão e a justificação.

Todas essas famílias serão consideradas como agentes da luta pela justiça e como possíveis promotoras das mudanças necessárias.

NOVA EXPLICITACÃO DOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO MFC NA ÁREA QUE ESTUDAMOS

Embora esses objetivos estejam pre-

apenas às limitações determinadas pela lei, exclusivamente com o fim de assegurar o devido reconhecimento e respeito dos direitos e liberdades de outrem e de satisfazer às justas exigências da moral, da ordem pública e do bem-estar de uma sociedade democrática. Esses direitos e liberdades não podem, em hipótese alguma, ser exercidos contrariamente aos objetivos e princípios das Nações Unidas.

ARTIGO XXX. Nenhuma disposição da presente Declaração pode ser interpretada como o reconhecimento a qualquer Estado, grupo ou pessoa do direito de exercer qualquer atividade ou praticar qualquer ato destinado à destruição de quaisquer direitos e liberdades aqui estabelecidas.

sentes nessa reflexão, parece-nos necessário clareá-los aqui, para possibilitar maior visão do conjunto.

— criar secretariados de Justiça e Paz em vários níveis para que possam promover a conscientização sobre as exigências da justiça, promovendo, ao mesmo tempo, aprendizado de métodos de análise crítica da realidade, nas equipes-base. Esses secretariados trabalharão para que toda atuação do MFC nessa área seja fruto da opção firme, pacífica, comunitária.

— promover todos os tipos de família, seja qual for o grau de incompletude que carreguem. Organizando com o povo, comunidades habitacionais ou de vizinhança, que iniciem esse traba-

lho nas vilas carentes, com famílias de operários, de prostitutas, de desempregados, de camponeses, etc. Tentar organizar com essas famílias sistemas cooperativistas entre populações urbanas (consumidores) e rurais (produtores), levando em consideração a religiosidade popular.

— colocar o MFC como serviço à pastoral existente na América Latina e explicitar a vivência e a missão da família-igreja-doméstica nesse sentido.

— promover, como movimento, campanhas educativas libertadoras (sobre como combater a fome, por exemplo) visando a libertar o povo carente de manipulações de toda sorte. Promover, ainda, cursos de educação para o amor em escolas, colégios e universidades procurando, assim, maior integração de jovens no MFC.

Propiciar, aos membros do MFC, reciclagem periódica através da criação de escolas para dirigentes.

Criar equipes de sindicância encarregadas de detectar situações de injustiça existentes para que o MFC possa manifestar-se publicamente contra elas.

Divulgar, a níveis latino-americanos, experiências que iluminem, motivem e animem outros a se comprometerem com a luta pela justiça.

SUBSÍDIOS A SEREM APROVEITADOS

Para execução desses objetivos podemos aproveitar os dados que nos são fornecidos pela metodologia de Paulo Freire, pelas ciências humanas, pela Eclesiologia do Concílio Vaticano II, pela Teologia da Libertação, pelo Sínodo dos Bispos de 1971, pelas declarações pontificiais sobre justiça social, pelos documentos de Puebla, pela

cristologia do Vaticano II, pelas ciências econômicas, políticas e sociais, pela Doutrina Social da Igreja.

O MFC deverá trabalhar pela divulgação desses dados através de cursos, conferências, intercâmbios de experiências, elaboração de textos simples e didáticos, trabalhos de pós-encontros. Deverá usar ao máximo, os meios de comunicação social nesse trabalho de divulgação. Assim deverá surgir, entre os membros do MFC um novo tipo de vivência e de ação, tendo como base a ótica do pobre.

Toda essa programação deverá ser executada sem que o MFC se desvie de seu objetivo fundamental: promover as famílias latino-americanas (todo e qualquer tipo de família) para que elas sejam formadoras de pessoas, educadoras na fé e promotoras do bem co-

mum, através de seus membros.

Poderão ajudar essa promoção a organização de grupos que entendam e atualizem constantemente esses temas; a participação ativa das bases do MFC; a elaboração de temários sobre promoção da justiça; reflexão aprofundada sobre os documentos do magistério, especialmente sobre documentos de Puebla; a participação dos membros do MFC nos organismos políticos, gremiais e civis; também nas organizações que manejam a política, a economia e a área social, o apoio do Movimento aos atos de anúncio e denúncia desde que sejam, os mesmos, coerentes com essas linhas de ação.

Então se irá rompendo, conseqüentemente, o sistema de opressão no qual fomos educados. E, em lugar da vida

burguesa, surgirá, no MFC, um novo estilo de viver, caracterizado pela renúncia ao conforto, pela austeridade real e pela solidariedade com os irmãos carentes.

PASSOS NECESSÁRIOS A ESSA REFORMULAÇÃO

A concretização das resoluções e sugestões desse seminário exigem, em primeiro lugar, que o próprio MFC tente modificar suas estruturas para apresentar aos desafios explicitados (e a outros que aparecerão normalmente) respostas e ações comunitárias.

Além disso será necessário adaptar a dinâmica de formação e trabalho do MFC às necessidades e possibilidades dos pobres. Só assim poderá o MFC tentar despertar solidariedade entre os mais necessitados, conviver com grupos marginalizados, despertar neles o sentido de partilha, ajudar o pobre a não introjetar a imagem da opressão. Deverá também o Movimento pesquisar as necessidades dos pobres, apoiar a pastoral da terra e a pastoral do trabalho, estimular toda forma de organização comunitária que leve à unidade popular e à possibilidade de convivência evangélica; despertar em todos solidariedade para com os perseguidos por sua luta pela justiça, adotar em todas as suas atividades uma pedagogia libertadora integrando em seus meios de formação, a pedagogia de Paulo Freire.

Para finalizar, não é inútil repetir que a opção em favor da justiça, feita pelo MFC precisa sempre ser verificada pela práxis, pelo compromisso concreto, concretamente assumido, para ser sempre reconcretizada e reorientada em direção às exigências do Reino de Deus.



Promoção da mulher

José e Beatriz Reis

PLANO ADOTADO NESTE DOCUMENTO DE TRABALHO

Tomando como ponto de partida os subsídios fornecidos pelos trabalhos efetuados, nesse sentido, pelos participantes do VIII ELA, realizado em Porto Alegre, adotamos como esquema o método Ver-Julgar-Agir. De acordo com ele, começaremos por constatar a situação do homem (ser humano) contemporâneo na América Latina, suas causas e as consequências que essa situação acarreta.

Passaremos em seguida a analisar (julgar) essa situação diante do processo de evolução histórica de coordenadas humanas e evangélicas, situando suas falhas, deficiências, limitações e possibilidades.

Só então passaremos à dimensão do Agir (parte programática) pois ela é decorrência normal das constatações e análises anteriormente feitas.

Nesse ítem do trabalho apontaremos não apenas as possibilidades de ação que se nos apresentam hoje, no contexto latino-americano, para um trabalho da promoção da mulher, mas também os riscos, dificuldades e desafios que poderemos ter que enfrentar e superar, os pontos de apoio que nos poderão auxiliar e, por último, as refor-

mulações que se apresentaram como necessárias, aos participantes do VIII ELA e que deverão ser promovidas nos meios de formação e de difusão do MFC em cada nação.

SITUAÇÃO DO HOMEM NA AMÉRICA LATINA

Está suficientemente evidenciado, tanto em pesquisas científicas quanto em relatórios e reflexões sobre trabalhos pastorais que "a distância entre ricos e pobres, a situação de ameaça em que vivem os fracos, as injustiças, desprezos e aviltamentos vergonhosos que eles sofrem" (Puebla 325) são uma constante em todos os países latino-americanos.

Está ainda suficientemente evidenciado que essa situação é decorrência de um fato bastante denunciado hoje em dia: "em povos de profunda fé cristã impuseram-se estruturas que se demonstraram geradoras de injustiças. . . (estruturas) incoerentes com a própria fé de nossa cultura popular" (idem, 312).

Essa causa estrutural dos problemas constatados torna-os, não episódicos e acidentais, mas constantes, permanentes em contínuo processo de agravamento.

Em nosso continente, como em to-



da a civilização ocidental, o regime capitalista gera a sociedade de consumo que, por sua vez, transforma as pessoas em coisas, em objetos que são colocados a serviço do mercado. Essa sociedade de consumo que coisifica e usa as pessoas é projeção do homem ocidental alienado pois "uma cultura econômica não poderia ter outro epílogo senão a transformação da pessoa em coisa". (Arturo Paolo in "A raiz do homem-dimensão política do Evangelho de S. Lucas").

A realidade histórica latino-americana é criação de todos nós, dos que nos precederam e dos que hoje vivemos,

enquanto a aceitamos e a preservamos. Todos somos condicionados por ela: "nossa cultura econômica nos tornou incapazes de pensar sem usar categorias econômicas: todas as coisas parecem letras de câmbio". E, por isso, a civilização ocidental "continua a produzir, a inventar, a aperfeiçoar muitas coisas, mas não a pessoa". (idem).

Sendo considerados simples objetos em nossa estrutura social concreta, as pessoas latino-americanas se sentem levadas a lutar contra essa estrutura para que, com sua superação, se possam transformar em sujeitos responsáveis, construtores de seu próprio destino. Emergem então, em vários lugares, gru-

pos populares mais ou menos conscientizados e organizados, que lutam pelas mudanças necessárias, que refletem sobre essa práxis libertadora, procurando situá-la dentro da realidade global da América Latina. Esses grupos estão mais ou menos conscientizados de que:

- a humanização do homem latino-americano é responsabilidade histórica desse mesmo homem;
- essa humanização exige mudança global das atuais estruturas sociais;
- essa humanização supõe o compromisso vivencial efetivo dos homens latino-americanos, oprimidos pelo sistema vigente;
- a luta pela humanização só se pode realizar na realidade concreta onde vivem e se encontram os homens concretos.

SITUAÇÃO DA MULHER, DENTRO DA REALIDADE GLOBAL

Embora o movimento de promoção da mulher surja, em todo o mundo, como um dos acontecimentos mais importantes dos últimos tempos, na América Latina "a mulher rica é marginalizada como a mulher de classe operária, de maneira diversa, mas em igualdade de condições" (A. Paolo, idem). É ela considerada um "ser para o outro", sem direito a optar, de decidir, podendo apenas seguir as prescrições do homem. Isto cria, entre ambos, (homem e mulher) um relacionamento de dependência que faz permanecer inalterada, entre o povo simples de nosso continente, a situação generalizada de opressão das mulheres. Assim a descreve Arturo Paolo no seu livro, acima citado:

"A lei de Moisés ordena apedrejar as prostitutas. Tenho encontrado esse mesmo esquema, com uma constância

desesperadora, nos povos simples, no interior da América Latina. O pai se desespera quando descobre, na filha, sinais de próxima maternidade. Ainda é uma menina, não deveria fazer isto. Nenhuma palavra de condenação para o homem. Uma secreta cumplicidade os une. Somente a mulher é responsável por este fato que ele não gostaria que tivesse acontecido em sua família".

Talvez possamos explicar assim o porque da permanência desta visão simplista e defeituosa:

É fato constatado pacificamente que, desde muito tempo, o homem delimita o lugar e a função da mulher na sociedade, como se ela fosse menor e incapaz de situar-se e de descobrir e assumir sua própria missão. Ele a aprisiona, assim, em esquemas impositivos, nos quais o poder marital erige-se em valor absoluto, levando a mulher a submeter-se à autoridade suprema do homem.

Esse fato criou e mantém, até hoje, um mundo centrado no homem, orientado e conduzido pelo patriarcado. Esse mundo tende a adquirir formas profundamente radicais, e nele a mulher é transformada em ser inferior, em serva do homem, sendo reduzida à pura dimensão biológica. Passam a existir conseqüentemente, a marginalização da mulher, em todos os níveis; a exploração da sexualidade feminina; grande número de famílias incompletas, principalmente pela falta do pai; falta de leis sociais que protejam a mulher; auto-desvalorização da mulher; sua desvalorização como elemento promotor do desenvolvimento e do bem comum.

Nasce daí uma antropologia pobre e elementar que se vem mantendo sé-

culo após século, quase sem ser contestada.

Para o povo judeu a mulher, tirada de costela de Adão, era um ser desprezível e a própria exegese cristã tem pecado, apresentando orientação essencialmente masculina: segundo ela, a mulher foi criada para servir ao homem e o complementa na própria medida em que aceita ser seu objeto. S. Paulo parece ceder a essa perspectiva quando, escrevendo aos efésios (5,22-24) prega submissão total da mulher ao marido. Os apóstolos se espantam, vendo Cristo conversar com a samaritana. A teologia primitiva (teologia patrística) centraliza seu interesse em questões dogmáticas. Seus teólogos, monges e virgens, não tinham nem a experiência necessária, nem interesse em construir uma teologia do relacionamento homem-mulher. Nasce daí a super-valorização da virgindade e a definição do cristão pelo celibato. A salvação eterna supõe, nessa perspectiva, fuga ao feminino e a redenção supõe libertação do sexo. O homem, em seu mistério profundo, é condicionado, pura e simplesmente, por essa visão antropológica, pela fisiologia mais elementar. E no entanto, enquanto as mulheres concretas eram ignoradas e oprimidas, a mulher abstrata era conceptualmente redimida na Virgem Maria, considerada maior que os próprios serafins.

Instala-se então, na história do mundo, uma estranha alienação da mulher e essa alienação cria raízes, passando a ser aceita como situação normal.

Surgem os trovadores e colocam o amor cavalheiresco à serviço da mulher, causando verdadeira revolução cultural. Dante cria Beatriz e nela exalta a mulher, num puro jogo de abstração.

Aparecem, em contrapartida, os ascetas cristãos e lutam contra essa valorização da mulher, considerando-a "porta do inferno".

Reagem os poetas e apresentam a mulher, não como "porta do inferno", mas como "porta do céu". O homem, por eles condicionado, projeta na mulher abstrata seu idealismo e recusa-se a ter, com as mulheres concretas, qualquer relacionamento de reciprocidade ou de comunhão verdadeira.

Também os filósofos passam a definir a mulher como ser relativo ao homem e lhe negam todo direito a uma vida própria e independente. Então, "a mulher passa a representar tudo no mundo, no momento em que o homem precisa de alguém que o complete. Logo depois, ela não vale mais nada, não tem nenhum valor em si mesma, não chega a ser nem sujeito humano, nem pessoa" (Evdokimov — in *La femme et le salut du monde*).

E o homem passa a se afirmar oprimindo e destruindo a mulher que lhe aparece como ameaça à sua liberdade.

O ideal do patriarcado permanece vivo até o século XIX: o homem governa, a mulher executa, os filhos obedecem e a prostituição é vista como proteção necessária à monogamia. No fim do século XIX fatores econômicos e políticos mudam a situação: o socialismo e o advento da era industrial, com a aparição da máquina, relativizam a importância da força física e levam a mulher a participar na produção mecânica, enquanto a medicina ginecológica a vai libertando de maternidades sucessivas.

Reconquistam aos poucos as mulheres seus direitos e a ONU reclama o reconhecimento universal dos direitos

humanos, assimilando assim a mulher a uma sociedade até então nitidamente masculina.

Acontece no entanto que "a sociedade industrial e capitalista supõe a escravidão da mulher pois não pode dispensá-la, em sua complicada estrutura". "Por isso mesmo, essa sociedade é impotente para libertá-la. Cria, pelo contrário, tremenda frustração que procura disfarçar com apresentação de projetos sempre novos e, no fundo, estáticos, porque elaborados "em laboratório" — porque buscados na hipótese da necessidade de manutenção de um mundo que não pode ser modificado socialmente. Isto equivale a tentar mudar um certo tipo de relacionamento dentro de um quadro mais geral de "relacionamentos que não devem ser alterados, o que é um absurdo" (A. Paolo, idem).

A libertação da mulher só pode ocorrer, portanto, dentro de um processo de libertação global, em que o ser humano possa se transformar de objeto em sujeito responsável por seu próprio destino, dentro do destino de seu povo. É dentro desse amplo processo de libertação que se enraizará o movimento pela promoção da mulher: pois tanto o homem quanto a mulher são chamados a lutar pela superação das estruturas que dificultam ou impedem a transformação dos homens latino-americanos, de objeto em sujeito. O problema da promoção da mulher, em nosso continente, é apenas uma parte do processo de promoção e libertação do povo latino-americano. Trata-se não apenas de mudar, de promover, uma parte da população do continente, mas de libertar todos os homens do jugo despótico do sistema opressor.

Qualquer tentativa para se mudar ape-

nas um aspecto da realidade opressora (como, por ex., tentativa isolada de promoção da mulher) provocará respostas de caráter estrutural e de caráter ideológico, contrárias à tentativa de mudança parcial que poderá atingir, de modo mais ou menos profundo, a realidade global ameaçada. Pois a mudança de um aspecto (de uma parte) da realidade provoca mudança em todos os outros aspectos da realidade global, culminando com a mudança da totalidade histórica existente.

Essas constatações nos mostram a amplitude e a complexidade do processo de promoção da mulher, não apenas na América Latina, mas em todo o mundo.

PORQUE INSISTIMOS EM COLOCAR O PROBLEMA DA PROMOÇÃO DA MULHER DENTRO DO CONTEXTO HISTÓRICO DA AMÉRICA LATINA

Porque qualquer processo de promoção humana só se realizará dentro de uma história concreta, vivida, suportada ou construída por uma comunidade concreta. Por isso, na América Latina, "a libertação da mulher está fatalmente ligada à libertação dos pobres, a luta pela justiça. . . não se pode querer a libertação da mulher numa sociedade estática, fechada à libertação global.

Falar de libertação da mulher num contexto burguês, fazer dela um tema à parte, desvinculá-la da libertação de todos os oprimidos e marginalizados da terra é manter uma ilusão, é perder tempo". (A. Paolo, obra citada)

É falso portanto considerar o processo de promoção feminina como sendo um processo autônomo desvincula-

do do processo de promoção de todos os homens e do homem todo. O verdadeiro questionamento consiste, não em promover apenas a mulher, mas em promover o homem para que, tanto em sua dimensão masculina como em sua dimensão feminina, se torne sujeito de sua própria história.

DIMENSÃO HISTÓRICA DO HOMEM E SUAS EXIGÊNCIAS

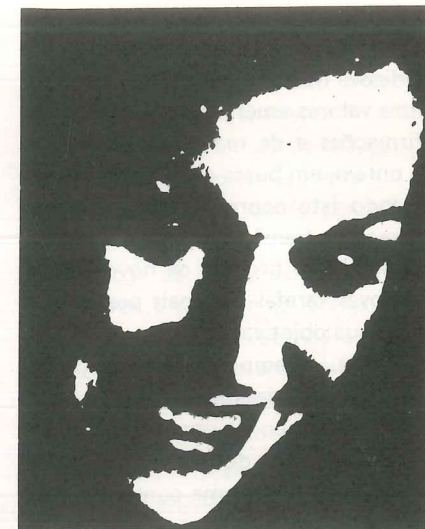
Criando o homem, Deus o criou à sua imagem para que, gradativamente, num processo de maturação contínuo, ele chegasse a vivenciar de tal forma essa imagem que ela se fosse revelando, paulatinamente, como semelhança.

Como ser inacabado em contínuo processo de maturação, o homem necessita de um espaço de tempo para nele tentar realizar-se gradativamente, de acordo com sua vocação de ser imagem e semelhança de Deus, enquanto se esforça por ser pessoa consciente, responsável, solidária, autora de seu próprio destino.

Por isso, enquanto Deus vive **acima** do tempo e o animal vive **sob** o tempo, o ser humano é chamado a viver **no** tempo e, mais especialmente, **em seu** tempo, construindo, com todos os demais homens, a história humana.

Essa história, construída pelos próprios homens, não é uma realidade autônoma; é condicionada, pelo contrário, por elementos pré-históricos e pós-históricos; e esses elementos não apenas condicionam e limitam as ações históricas de determinadas épocas, como servem de parâmetro para o juízo de valor dessas mesmas ações.

Para nós, cristãos, a história humana está situada entre a revelação do



plano salvacional de Deus, nas Sagradas Escrituras, e a sua última manifestação, no fim dos tempos quando todos veremos como se deu a realização desse plano no mundo dos homens.

Assumindo as tarefas próprias de seu tempo e de seu povo cada homem se realiza como ser humano.

Dentro da limitação histórica que lhe é própria, coloca-se a serviço de um plano que, sendo pessoal é ao mesmo tempo comunitário e transcende interesses imediatos e imediatistas.

Na medida em que os homens criam, recriam e decidem, na medida em que participam dos problemas e das necessidades de seu tempo e de seu povo assumindo-os e assumindo tarefas concretas a eles correspondentes, se vão formando as épocas históricas.

Como bem explica Paulo Freire, cada época histórica apresenta uma série de desejos, de valores em busca de realização. Esses elementos se traduzem em atitudes mais ou menos generalizadas, em novas formas de ser e de comportar-se. E, continua ele, a

passagem de uma época histórica para outra "se caracteriza por fortes contradições que se aprofundam dia a dia, entre valores emergentes, em busca de afirmações e de realizações, e valores de ontem, em busca da preservação. Quando isto ocorre, verifica-se o que chamamos transição: marcha que faz a sociedade na procura de novos temas, de novas tarefas ou, mais precisamente, de sua objetivação".

Então, o tempo histórico se torna, em si mesmo desafiador, transformando-se em tempo de opções. E se torna necessário, mais do que nunca, "o desenvolvimento de uma consciência crítica, com a qual o homem se possa defender dos perigos dos irracionalismos, dos encaminhamentos distorcidos pela emoção que são característicos dessa fase de transição". (Paulo Freire — Educação e Libertação)

DESAFIO HISTÓRICO E PROCURA DE RESPOSTA DO HOMEM DO OCIDENTE, HOJE

Acontece que a rápida evolução de condições sociológicas provoca modificações profundas dentro da presente realidade social, transformando nosso tempo em tempo de transição.

Nos países do Primeiro Mundo, a tecnologia liberta, de tarefas milenares, a mulher ocidental, abrindo diante dela espaços de lazer que precisam ser preenchidos.

Em países a caminho do desenvolvimento enquanto pequenas minorias procuram promover-se a seu modo, permanecem marginalizadas grandes majorias humanas por falta de condições vivenciais condizentes com as necessidades das pessoas, cujos direitos são oficialmente reconhecidos enquanto são concretamente espezinhados.

Acontece ainda que, nos países subdesenvolvidos, a mulher instruída e liberada (pequena minoria) ultrapassa, muitas vezes as possibilidades promocionais do homem, até então reconhecido como seu mandatário. O processo de sua promoção desloca o homem, obrigando-o a restringir um espaço que ele se havia habituado a considerar como especificamente seu e a reagir intempestivamente, procurando preservá-lo a qualquer custo.

Pensamos que qualquer país da América Latina poderá reconhecer como sua, uma das duas últimas situações descritas acima. E dentro dessas situações nenhum processo promocional se poderá realizar se não for integrado dentro de um processo de promoção humana global que poderíamos denominar, talvez, de revolução cultural.

Enquanto no mundo oriental se tentaram algumas formas de revolução cultural, no mundo ocidental tentam-se, em geral, mudanças parciais e paliativas, procurando-se, ao mesmo tempo, salvar um contexto global que é considerado intocável.

A consciência crítica, proposta por Paulo Freire, nos fará tomar conhecimento de que a realidade global é formada por partes que estão em permanente interação. E nós fará tomar conhecimento também de que qualquer ação promocional não poderá incidir, apenas, sobre partes isoladas dessa realidade global; terá que incidir, pelo contrário, sobre a totalidade da realidade para poder transformá-la realmente. Pois, diz ele, "é transformando a totalidade que se transformam as partes, e não ao contrário". Essa consciência crítica nos levará a assumir um compromisso verdadeiro

com os destinos de nosso país, com o nosso povo, com o homem concreto, com o ser deste homem. E, na América Latina, o problema candente e global que hoje nos coloca se chama "libertação".

EXISTIRÁ UMA RESPOSTA CRISTÃ PARA ESSE DESAFIO HISTÓRICO?

Cristão é aquele que, colocando-se a serviço da tentativa da realização do plano de salvação de Deus, assume atitudes consequentes, dentro de determinado contexto histórico. Isto o leva a procurar construir a história de acordo com os valores humanos fundamentais e com as necessidades concretas dos homens de seu tempo e de seu povo.

Cristão é ainda aquele que, reconhecendo embora o valor das decisões e das opções históricas, sabe julgá-las e encaixá-las dentro do contexto dos valores permanentes sabendo, por isto mesmo, decifrar a interpretar a marcha progressiva dos acontecimentos históricos, dentro do projeto de construção do Reino de Deus entre os homens.

Cristão é pois, em última análise, aquele que percebe, além do mais, que cada época, cada instante histórico não tem valor absoluto em si mesmo; todos eles se relativizam diante da revelação do plano salvacional do Senhor e de sua última e definitiva realização. Ou, em outras palavras, diante do "alfa" (revelação desse plano) e do "omega" (sua plena realização, no final dos tempos).

Essa atitude do cristão em nada deve prejudicar seu realismo e seu compromisso histórico. Deve levá-lo, pelo contrário, a construir a história de modo positivo, transformando-a em busca

do Reino de Deus.

Então, para o cristão, cada época histórica nada mais é que tempo de parto. S. Paulo as chamava "Kairos", tempo favorável, tempo da salvação.

A Igreja deve estar presente em cada época histórica como consciência cuja voz ressoe livremente, dirigindo-se à liberdade de todos os homens, convidando-os a assumir as tarefas necessárias à sua época histórica e à construção da história de seu povo. Ela não deve adotar novidades pelo simples fato de provirem de novas perspectivas. Deve procurar explicitar a mensagem evangélica, especificando suas exigências concretas dentro de determinada época, de determinado contexto cultural, sabendo que "o espírito de discernimento, o sentido dos valores se modificam e se modelam de acordo com a particularidade dos tempos" (Evdomov — La femme et la salut du monde).

Por não haver sempre compreendido muito bem essa atitude necessária, aconteceu muitas vezes, infelizmente, que, enquanto ela se preocupava com pequenos problemas internos e domésticos, outros se ocupavam com a reconstrução do mundo procurando, a seu modo, a "grande síntese do novo destino" (Idem).

Dai, a triste constatação, infelizmente verdadeira:

"Embora a Igreja possua a mensagem da libertação são os outros que libertam. Pois quando os cristãos abdicam, outras forças retomam a mesma tarefa, usando coeficientes diferentes e novos parâmetros estranhos, por natureza, ao cristianismo" (Evdomov, idem).

É necessário ter bem claro, no entanto, que a Igreja jamais nos apresen-

tará receitas pré-fabricadas para solucionar nossos problemas humanos. A mensagem evangélica não cogita da fragmentação histórica nem, em nosso caso, da situação concreta de tal homem e de tal mulher: ela cogita, apenas da unidade das dimensões masculina e feminina dentro da construção do Reino de Deus. Da complementação e da reciprocidade que ambos são chamados a exercer, não apenas um em função do outro, mas ambos a serviço do povo de Deus.

O carismatismo (feminino ou masculino) exclui tanto para o homem quanto para a mulher a possibilidade de viver para si só. Coloca ambos, pelo contrário, a serviço de todo o povo, conferindo, a ambos, a dimensão ministerial na construção do Reino de Deus. E, por isso mesmo, o batismo os consagra, a ambos, como reis, sacerdotes e profetas.

Situa-se aqui a igualdade fundamental do homem e da mulher: ambos são chamados a construir, concretamente, em tempos históricos e em culturas determinadas, o plano de salvação do Senhor. São ambos chamados a realizar, em última análise, a idéia normativa de Deus sobre o ser humano e a vivê-la como sendo sua própria idéia.

Essa visão de fé inspira decisões concretas de mudança e de progresso, na linha da justiça; leva ainda a lutar pelo reconhecimento da verdadeira dignidade da pessoa e pela tomada de consciência de que, para se sentir e para se realizar como pessoa, cada um "necessita de pão, de trabalho, de casa, de instrução, de participação ativa nas decisões, de verdadeira paridade de direitos. . ." (A. Paolo, obra citada). Essa visão leva ainda à coerência, isto é, a fundamentar nosso julgamento e nossa ação sobre os acontecimentos

históricos na perspectiva e nas necessidades dos oprimidos. E a lutar, quando necessário, contra uma cultura que serve de cobertura à opressão e às injustiças.

COMO SE COLOCA, DIANTE DESSE DESAFIO, A IGREJA LATINO-AMERICANA?

Reunida em Puebla em 1980, declara oficialmente a Igreja hierárquica que hoje, na América Latina, "toda a comunidade cristã é chamada a fazer-se responsável pelas opções concretas e por sua efetiva realização, a fim de responder às interpelações que as circunstâncias. . . lhe apresentam". (Puebla, 344)

Constata ainda ela que "grandes setores do laicato latino-americano não tomaram plena consciência. . . da incoerência entre a fé que dizem professar e praticar e o compromisso real que assumem na sociedade" (Puebla 624), "em campos tão determinantes como o político, o social e o cultural, particularmente nos setores operários e compeones" (Puebla, 626).

Como integrante dessa comunidade é também a mulher chamada à corresponsabilidade no planejamento, na vivência de projetos concretos de promoção, em nível comunitário, grupal ou pessoal.

RESPOSTAS DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DA AMÉRICA LATINA

Embora grande maioria de mulheres, em nosso continente, permaneça alienada desse projeto geral surgem algumas, em número cada vez mais expressivo, que assumem compromissos

sociais e profissionais, colocando-os a serviço de comunidades concretas, participando, assim, cada vez mais, das responsabilidades promocionais e pastorais da Igreja latino-americana. Em alguns lugares, no entanto, tal participação é vista ainda com receio e reservas. (Puebla, 62).

Essas mulheres, assim despertas e atuantes, colocam-se, como e com o varão, como promotoras constantes da paz e da justiça "lutando contra toda violência e opressão" (Puebla, 635), lutando ainda, como e com ele, contra as causas que condicionam nossa realidade social, não hesitando em usar os instrumentos e os meios necessários para a necessária transformação da sociedade.

PROCESSO DE PROMOÇÃO DA MULHER LATINO-AMERICANA

É a partir dessa perspectiva que teremos que situar o processo de promoção da mulher hoje, na América Latina. Pois cada povo é chamado a assumir sua missão e a se construir, enquanto a assume. E a missão histórica de cada povo é encontrar, de modo concreto e histórico, meios de trabalhar pela realização do plano salvador de Deus.

Isso faz com que não apenas a existência humana em sua dimensão pessoal, mas a própria vida social estejam submetidas às exigências do Reino de Deus.

Torna-se cada vez mais evidente, em vários países do mundo, a existência, dentro do problema de dependência global, causada pelo capitalismo, do problema específico de dependência da mulher. A tomada de consciência dessa situação dá origem a um conflito que hoje se apresenta em toda a

sua agressividade, fazendo com que o movimento feminista reivindique igualdade de condições para homens e mulheres, sem tomar conhecimento do carismatismo próprio de cada um — carismatismo que, em lugar de empobrecê-los enriquece-os, pelo contrário, dando-lhes missão complementar em plano de paridade, na construção de um mundo mais humano.

Essa situação histórica precisa ser problematizada, analisada, criticada e ultrapassada, levando-se em consideração uma perspectiva sadiamente humana e, ao mesmo tempo, radicalmente cristã. Do contrário, não apenas esse processo promocional mas todos os outros que lhe são correlatos serão realizados à revelia da perspectiva evangélica que situa qualquer processo em sua relação vital com o plano salvífico de Deus.

Isso nos faz perceber que o processo de promoção da mulher latino-americana, apresentando, embora, matizes que lhe são próprios, está ligado ao mesmo processo mundial, hoje comum a todos, já que permanece aberta, para todos os povos e raças, a questão fundamental. Serão verdadeiros os tipos de mulher até hoje formados e reconhecidos pela história? Respondem eles à verdade meta-histórica da mulher? Serão eles normativos?

A própria teologia vem procurando respostas satisfatórias para essas questões, tateando e errando muitas vezes. Todos sabemos que, tanto histórica quanto teologicamente, se vem promovendo a Mãe de Deus, enquanto se aceitava a opressão de mulheres concretas e sua redução à sua simples função biológica. Como consequência natural, aquela que, em Maria, é chamada a ser a "serva do Senhor" (encarregada

de realizar seu plano de salvação) se transforma simplesmente em serva e, no seu instinto de agradar, entrega-se a escravidões sucessivas e degradantes.

Essa situação — até pouco tempo pacificamente aceita — abriu ao homem vasto campo de afirmação pessoal como único senhor responsável pela construção de um mundo necessariamente desumano, porque privado de uma dimensão essencial: a perspectiva feminina.

AMPLITUDE E UNIVERSALIDADE DA PROBLEMÁTICA

Amplia-se então a complexidade do processo de promoção feminina em todos os países do mundo. Trata-se, na verdade, de promover e de recolocar em órbita, ao mesmo tempo, o homem e a mulher — ou, em outras palavras, o masculino e o feminino — dentro de uma perspectiva global porque complementar. É verdade que em alguns países e regiões se conseguiram promover alguns direitos da mulher (previdência social, proteção de leis sociais beneficiando as empregadas domésticas, as professoras, as viúvas e as mulheres só que são chefes de família) através de legislações e/ou sindicatos, cooperativas, etc.

Trata-se de conseguir, no entanto, não apenas alguns tipos de cooperação consentidos e aceitos em setores claramente delimitados, mas de se conseguir a convergência recíproca numa realidade totalmente nova. Reconhecer a amplitude do problema evitará a adoção de soluções imediatistas que, em si, podem ser falsas ou parciais e levará, talvez, a mulher a assumir seu verdadeiro papel, não como rival do homem mas como encarregada de complementá-lo,

planejando e trabalhando com ele,
— ajudando-o a descobrir perspectivas fundamentais;

— ajudando-o a não se bitolar dentro de sua pequena história pessoal ou grupal;

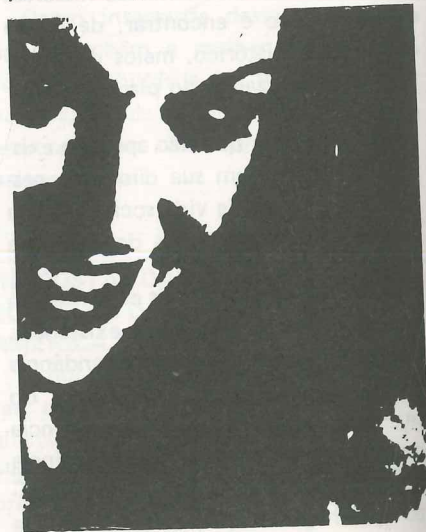
— ajudando-o a orientar sua agressividade como elemento construtor de cultura e de culto;

— ajudando-o a descobrir sua própria dignidade e seu próprio valor pessoal, num mundo dominado pelo espírito técnico e científico.

Aparece aqui claramente a "responsabilidade insubstituível da mulher" cuja colaboração é indispensável para a humanização dos processos transformadores e como garantia de que o amor é uma dimensão da vida" (Puebla 979).

Sua perspectiva é ainda insubstituível como representante das necessidades e das esperanças do povo.

A reflexão conjunta sobre essa complementação recíproca, reciprocamente aceita e continuamente reassumida, levará o homem e a mulher a descobrirem, juntos, novas exigências que aos poucos se apresentam, novos reajustes



que se tornam necessários num plano de realização histórica que supera a história da própria pessoa, tornando-a capaz de ser objetiva e concreta. Então, a mulher se poderá libertar de sonhos e quimeras tornando-se participante de uma história que poderá ser, em qualquer contexto, história da salvação. (A. Paolo, obra citada).

Talvez fosse essa a realidade vislumbrada por São Paulo quando, escrevendo aos gálatas (4,28) e aos coríntios (1ª—11,11) afirmava que, no Cristo, não existem homem e mulher como seres extrapolados. Mas existe sim a recapitulação de ambos como elementos indestrutivelmente complementares, encarregados de construir o mundo de acordo com o plano de salvação de Deus.

VOLTANDO AO CONTEXTO LATINO-AMERICANO

É verdade que, como vimos no princípio dessa reflexão, existem já várias reações conscientes, procurando problematizar a história atual da América Latina, analisando-a e criticando-a diante das exigências do plano salvador de Deus, revelado aos homens por Jesus Cristo.

Dentre esses movimentos sobressai a Teologia da Libertação, abrindo perspectivas globais, exigentes e dinâmicas, carregadas de conotações nitidamente humanas e nitidamente evangélicas.

O MFC procura situar-se no meio desses movimentos de reação, não por causa da novidade que carregam, mas por serem eles, talvez, no momento, os portadores mais autênticos de uma verdadeira possibilidade de promoção humana e cristã, dentro do contexto histórico da América Latina.

Sem trair seu carisma inicial, ele o

amplia e o situa dentro da ampla problemática latino-americana, procurando tornar-se, assim, instrumento válido de construção de um mundo novo, onde as famílias possam realizar sua missão de formadoras de pessoas, de educadoras na fé e de promotoras de libertação global.

Esse processo de conversão e de revisão do MFC exige que cada um de seus membros se exercite no discernimento das situações e dos apelos concretos que o Senhor faz, hoje, na América Latina. Exige ainda que esse esforço de discernimento seja posto a serviço de uma ação libertadora comunitária, que vise possibilitar a existência de mulheres e de homens novos, construtores de um mundo novo, bem como de um mundo capaz de gerar e de deixar viver homens e mulheres novos.

TRABALHO DIFÍCIL, SOBRETUDO NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO

Os participantes do VIII ELA, reunidos em Porto Alegre viram, com clareza, que um trabalho dessa envergadura tropeçará em dificuldades e perigos provenientes de várias fontes, todas elas colocadas a serviço da manutenção do atual status social.

Perceberam, também, que essas dificuldades e perigos necessitam ser analisados e problematizados para que se transformem, assim, em desafios e em estímulos ao caminhar do MFC. Essas dificuldades foram esquematizadas como provenientes do ambiente global e como dificuldades próprias do MFC.

DIFICULDADES PROVENIENTES DO AMBIENTE GLOBAL

Uma das dificuldades fundamentais consiste, talvez, no fato de os meios de

comunicação social incidirem em toda a vida do homem, exercendo, sobre ele, de maneira consciente ou subliminar, uma influência decisiva. A informação por eles transmitida é condicionada pela realidade sócio-cultural de nossos países; e, por sua vez, ela mesma constitui um dos fatores determinantes que mantêm essa realidade. O controle dos meios de comunicação social e a manipulação exercida pelos poderes políticos e econômicos se empenham em manter o **status quo**, empenhando-se em criar nova ordem de dependência — dominação — ou, pelo contrário, em subverter essa mesma ordem, para criar outra oposta. A exploração das paixões, dos sentimentos da violência e do sexo com fins consumistas convertem os meios de comunicação social em veículos de propaganda do materialismo reinante, criando no povo falsas expectativas, graves frustrações e doentio afã competitivo.

Isso dá origem a grande confusão sobre a missão da mulher hoje, na América Latina, contribuindo para mergulhar numa crise de identidade a juventude feminina e impedindo uma sadia promoção da mulher, como elemento indispensável à construção da sociedade. (Ver Puebla, 936).

Acrescentam-se a isto:

- os condicionamentos negativos, trazidos pela sociedade de consumo; sociedade tecnificada e tecnológica, transformando homens e mulheres em meras peças de engrenagem, obstaculizando, de certa forma, a formação de sindicatos, de cooperativas e de creches;

- a existência de grande maioria de pessoas marginalizadas, sem possibilidades concretas de se promoverem;

- a atual trituração da classe média;
- o dualismo vivencial criado por uma catequese idealista e desvinculada das exigências de uma autêntica vida humana;

- a ainda existente marginalização das mulheres pela Igreja, pelas estruturas profissionais, culturais e educativas, em alguns países latino-americanos;

- o despreparo do homem, impedindo-o de aderir e de participar de um processo promocional que, sendo da mulher, é também dele;

- o comodismo e a passividade das mulheres, diante da necessidade de conversão permanente que o processo de sua promoção supõe e exige.

DIFICULDADES PRÓPRIAS DO MFC

Foram explicitadas as seguintes:

- querendo ou não, continua a ser, o MFC, um movimento de elite; isto faz com que não se tenha conseguido ainda dar, às suas bases, uma adequada educação para o amor, baseada na perspectiva e nas necessidades dos pobres e dos oprimidos;

- a radicalização de muitos membros do MFC impede, em alguns lugares, a execução dos planos e dos projetos de trabalho elaborados pelo SPLA, em resposta a resoluções tomadas nas AGLAS;

- falta de meios de formação concretos e bem estruturados, destinados à promoção dos jovens;

- o fato de existirem poucos casais jovens, como membros do MFC — a idade média de seus casais ultrapassa os 40 anos;

- geral aburguesamento das equipes de base, causando falta de compromisso entre os membros do movimento;

- falta de congruência entre o que

se percebe e se diz e o que se vive, fazendo com que, no MFC, se transmitam idéias e não vida.

DIFICULDADES QUE SE TRANSFORMAM EM DESAFIOS

Analisando e problematizando as dificuldades por eles encontradas, os participantes do VIII ELA perceberam que, sem deixarem de constituir riscos e perigos, elas se podem transformar em desafios e em possibilidades de aprofundamento, de discernimento e da abertura de caminhos concretos.

Como primeiro passo, analisaram eles os riscos que essas dificuldades carregam consigo. Para melhor compreensão dividiremos esses riscos em riscos gerais e riscos provenientes do próprio MFC.

RISCOS GERAIS

Foram identificadas como riscos gerais:

- manipulação dos meios de comunicação social, em favor de uma promoção falsa e/ou insuficiente da mulher;

- promoção desumana e anti-evangélica tendo, como ideal, a mediocridade;

- promoção colocada a serviço da manutenção do **status quo**, perdendo-se a perspectiva da necessidade de uma promoção global;

- promoção manipulada por ideologias dominadoras;

- promoção que leva à libertinagem e não à verdadeira libertação;

- promoção colocada a serviço da sociedade de consumo, levando à desvalorização da austeridade cristã;

- promoção que leva, em geral, a mulher a abandonar sua missão de esposa e de mãe, de formadora de pessoas, de educadora na fé e de promo-

tora do bem comum, junto com o marido;

- promoção que leva à marginalização do homem, provocando revanchismo e violência masculinas;

- promoção isolada da mulher, sem levar em conta que o desafio verdadeiro consiste em lutar pela libertação conjunta do homem e da mulher. Isto faz com que o homem se sinta diminuído em sua missão de pai e de esposo, em sua vida profissional e nos ambientes sociais que ambos frequentam;

- promoção centrada no egoísmo, levando as mulheres a se esquecerem de trabalhar pela promoção do esposo e dos próprios filhos;

- promoção que provoca problemas conjugais e familiares, pela má interpretação que dá, do problema da mulher;

- promoção que leva a mulher a se esquecer dos valores fundamentais e a aderir a modismos superficiais;

- promoção que supervaloriza a interdependência econômica da mulher levando-a, muitas vezes, a uma administração separatista da economia do lar e a usar, apenas para luxo pessoal, seu salário profissional;

- promoção que leva à aceitação do amor livre, do aborto e de um planejamento familiar egoísta, imposto, muitas vezes, por interesses de grupos econômicos.

RISCOS NO MFC

Identificaram-se como riscos provenientes do próprio MFC:

- despertar, a esse respeito, inquietação nas bases sem lhes dar, em seguida, seguimento e orientação válida;

- levar as bases a caírem em radicalismos que não levam a nada, levando

do-as a optarem por perfeccionismos que as isolem de sua própria comunidade e daqueles que pensam de modo diferente, ou a caírem em irrealismos, perdendo as pessoas ocasiões concretas de promoção profissional, por não considerarem essas ocasiões bastante perfeitas para serem aceitáveis;

- trabalhar apenas com classes sociais que não representam maioria quando, por coerência com a opção pelos pobres, o MFC deve trabalhar, prioritariamente, pela promoção da grande maioria marginalizada;

- levar ao esvaziamento do MFC, por perda de liderança masculina;

- não contar o MFC, em alguns lugares, com compreensão e apoio de seus dirigentes e da hierarquia.

QUE DESAFIOS?

Assim o perceberam os participantes do VIII ELA:

De ordem educacional:

- tomando a mulher consciência de sua dignidade tem ela maior anseio de participação. Daí a necessidade de preparar-se para assumir seu novo **status** e suas novas funções;
- a sociedade de consumo cria modelos de promoção feminina deficientes e mesmo prejudiciais. Daí a necessidade de se formar, nas mulheres, uma consciência crítica libertadora;
- dificuldades de verdadeira promoção social numa sociedade alicerçada no pecado da injustiça e da opressão;
- a mulher promovida é chamada a viver as exigências humanas e evangélicas numa sociedade viciada em sua própria origem e numa família por ela condicionada; sua atitude coerente pode levá-la a sofrer perseguição;
- é a mulher não apenas objeto de ação promocional, mas sujeito de seu próprio processo de promoção — ela

mesma deverá, portanto:

- descobrir a dimensão evangélica desse processo;
- encontrar respostas a serem dadas em circunstâncias concretas;
- assumir um compromisso real e estável e não apenas ações isoladas, colocando seus dons e carismas a serviço do Reino de Deus, de modo concreto e específico;
- e muitos outros desafios desta ordem poderiam ser acrescentados.

Trazidos pela práxis:

- ser capaz de partir sempre de fatos concretos, situando-os dentro da visão cristã do homem, obscurecida por visões inadequadas que atentam contra sua genuína liberdade, impedem a comunhão ou não promovem a participação com Deus e com os homens (em Puebla, 305-399);
- descobrir, nos problemas concretos, a influência e o condicionamento de fatores globais, situando-os dentro dos mecanismos e estruturas sócio-econômicas, políticas e culturas que neles incidem;
- saber situar-se dentro do atual processo de evolução global que hoje nos situa e delimita;
- rever constantemente esse processo, atualizando-o e criticando-o de acordo com as necessidades autênticas do mundo de hoje e com as exigências evangélicas;
- comprometer-se na ação para promoção da justiça (compreendida como possibilidade de desenvolvimento integral do homem todo e de todos os homens) na luta contra toda espécie de opressão, não sendo apenas denunciante da injustiça mas verdadeira testemunha e agente da justiça; (João Paulo II, nos documentos de Puebla — 633);



- colaborar na pastoral da Igreja latino-americana, não só na fase de execução, mas ainda na de planejamento e nos próprios organismos de decisão (Puebla 640) levando, à comunidade eclesial, sua experiência de participação nos problemas, desafios e necessidades do mundo;
- ser agente de conscientização geral e de criação de responsabilidade comum em desafios que exigem a participação de todos (Puebla 980);
- dialogar e relacionar-se com todos os que colaboram na construção da sociedade civil, descobrindo sua complementariedade e sua convergência (Puebla, 988);
- reconhecer os operários como “principais artífices das prodigiosas transformações que o mundo de hoje conhece” (Puebla, 1005).

Que interpelam o próprio MFC:

- trabalhar pela formação da reta consciência de seus membros, como necessidade vital para se tomarem decisões livres e responsáveis;
- formar seus membros na fé, tornando-os abertos às exigências evangélicas, comprometidos com a problemática de

seu povo e de seu país, capazes de assumir suas próprias responsabilidades;

- desenvolver a criatividade de seus membros diante dos diferentes desafios políticos, econômicos e sociais;
- aproximar-se do povo e se inserir no meio dele, interpretando, à luz do evangelho, a opção preferencial pelos pobres;
- deixar-se interpelar pelas ideologias, criticá-las e relativizá-las diante de sua real contribuição para a construção de uma civilização justa, fraterna e aberta ao transcendente (Puebla, 410);
- encontrar caminhos de renovação da família para que ela possa ser centro de comunhão e participação.

TENTATIVAS DE RESPOSTAS AOS DESAFIOS ENCONTRADOS

Foram sugeridas várias tentativas de resposta a esses desafios. Essas tentativas, amplas e exigentes, se colocam como questionamento ao próprio MFC, como instituição, e a seus membros como pessoas e/ou famílias com ele livremente comprometidas.

As várias sugestões, apresentadas demonstraram que programas concretos de conscientização, de pesquisa, de análise, de debates e de estudo sobre o assunto são sempre construtivos, desde que tenham objetivos específicos nítidos e claramente definidos, bem sintonizados com a visão do MFC nesse assunto. Isto torna evidente a necessidade da reformulação clara e precisa de tais objetivos para o êxito de qualquer modalidade de programas concretos que visem a colaborar com o processo de promoção da mulher.

Esses programas concretos foram assim sugeridos:

— ao se planejar qualquer atividade, tenha-se em vista o conjunto da realidade social e o condicionamento competitivo que essa realidade impõe às pessoas que nela vivem;

— levar tanto o homem quanto a mulher a se conscientizarem sobre a amplitude e a complexidade do processo de promoção da mulher e da necessidade da promoção conjunta de ambos, para poderem juntos participar na construção histórica do Reino de Deus;

— procurar conscientizar filhos, os jovens e a comunidade para que se possa tentar a superação do condicionamento cultural que determina papéis específicos e limitativos para o homem e a mulher, procurando valorizar, ao mesmo tempo, o trabalho em comum, tanto dentro quanto fora do ambiente familiar, como fonte de comunhão a participação;

— descobrir pessoas que possam ter influência nos meios de comunicação social, motivando-as a apresentarem programas sobre a promoção da mulher e da família, abordando a questão de modo consciente, concreto, positivo. Isto poderá conscientizar a todos sobre os direitos e deveres da mulher, na América Latina, hoje;

— procurar pessoas influentes no setor legislativo despertando-as para a necessidade de leis que possam ajudar a verdadeira promoção da mulher.

Para se conseguirem resultados reais e positivos foi recomendado que:

● Mobilize-se o MFC junto com outros movimentos que possuam objetivos semelhantes, para manifestar, com eles, a perspectiva humana e evangélica de promoção da mulher, na América Latina, hoje;

● Elabore o MFC seu plano de trabalho levando em conta o planejamento da pastoral de conjunto;

● Cuide o MFC da formação permanente de seus dirigentes para que eles possam fornecer, aos grupos de base, temas de reflexão concretos sobre esse assunto, bem como motivações para que as pessoas se comprometam na execução dos trabalhos necessários a uma verdadeira promoção da mulher;

● Procure o MFC conseguir maior participação de todos os membros da família na análise e na proposta de caminhos de solução para os problemas que nela poderão surgir, como decorrerência da promoção da mulher;

● Procure o MFC fazer incluir, no currículo dos cursos primários e secundários, a verdadeira perspectiva sobre a promoção da mulher, bem como as exigências que essa promoção carrega consigo;

● Procure o MFC aumentar o espírito crítico das famílias para que seus membros se tornem sempre capazes de discernir sadiamente, descobrindo os valores humanos e evangélicos, negados por uma propaganda orientada pela sociedade consumista e competitiva;

● Procure o MFC levar seus membros a assumir sua missão profética, denunciando as falhas existentes no atual processo de promoção da mulher e descobrindo sua verdadeira perspectiva e suas exigências, por meio de manifestos, abaixo-assinados, etc.

Sendo coerente com sua opção de trabalhar de modo preferencial com os pobres, dedique o MFC especial atenção à condição e promoção da mulher das classes mais oprimidas.

DESCOBERTA CONSEQUENTE DOS OBJETIVOS GERAIS DO MFC NESSE CAMPO DE AÇÃO

Tornaram-se claros, então, os objetivos gerais do MFC, no trabalho de promoção da mulher latino-americana:

— conscientizar a todos sobre os valores humanos e evangélicos da pessoa e especialmente da mulher, motivando-os a assumir sua missão de sujeito dessa promoção (e a aceitar, ao mesmo tempo, sua condição de objeto dessa mesma promoção) nos níveis pessoal, familiar, grupal, comunitário, econômico, cultural, religioso, político e social;

— despertar, para essa missão, as mulheres mais oprimidas: mães solteiras, operárias, camponesas, empregadas domésticas, prostitutas, divorciadas que vivem só ou que se tornaram a casar, casadas acomodadas à opressão existente. Levá-las, todas, a assumirem sua própria responsabilidade por seu crescimento como pessoa, encarregada de trabalhar, com o varão, na construção da sociedade;

— promover o casal e a família para que homem e mulher caminhem juntos, colocando seus carismas pessoais e específicos a serviço da construção da dimensão histórica do Reino de Deus.

MODALIDADES DE ATUAÇÃO QUE O MFC PODE COLOCAR A SERVIÇO DESSES OBJETIVOS GERAIS

Vem o MFC usando vários métodos de trabalho com o fim de ajudar a mulher a promover-se, na América Latina.

Esses trabalhos visam levar o MFC a atingir os objetivos acima descritos, dentro de curto e longo prazo.

Situa-se, no primeiro tipo, a criação de grupos ambientais; e no segundo tipo, a transformação desses grupos em equipes de vida e de trabalho.

Sobre a criação de grupos ambientais, foram vistas várias possibilidades de ação para o MFC:

Trabalho com mães solteiras, com famílias incompletas, com jovens (nos colégios, universidades, paróquias, clubes, etc.), com empregadas domésticas, prostitutas, operárias, camponesas, anciãs, viúvas, separadas, abandonadas.

Sobre a transformação desses grupos em equipes de vida, de reflexão e de trabalho, foram vistas essas possibilidades de ação:

● Criação de centros comunitários que reflitam sobre a problemática feminina hoje, na América Latina.

● Fomentar criação de sindicatos e associações de empregadas domésticas que as tornem conscientes, entre outras coisas, de seus direitos ao uso da previdência social e de horas livres para estudo.

● Fomentar a criação de creches que sirvam, sobretudo, às mães mais carentes, em suas horas de serviço.

● Fomentar a criação de cooperativas de trabalhadoras artesanais.

● Fomentar a criação de programas educativos tais como:

— Programas de alfabetização, catequese e capacitação para o trabalho profissional das mulheres menos favorecidas, através de clube de mães, por exemplo.

— Palestras sobre a dignidade da pessoa humana e o processo de promoção da mulher, hoje, na América Latina.

— Cursos de atualização teológica para leigos.

— Cursos de educação sexual em todos os níveis.

— Trabalho de conscientização do ho-

mem sobre a necessidade de se valorizar e de se trabalhar pela promoção da mulher.

- Criação de cursos profissionalizantes para prostitutas e mulheres de classes menos favorecidas.
- Promoção de atividades que ajudem a mulher a desempenhar melhor sua missão de educadora na fé.

Todas essas modalidades de trabalho, embora possuindo cada uma objetivos específicos, contribuirão para melhor situar o homem e a mulher latino-americanos dentro de sua missão, no atual contexto em que vivemos. Com efeito, dentro de algum tempo, cada um dos grupos, assim conscientizados, poderá:

- trabalhar em movimentos de pastoral de conjunto e de pastoral paroquial;
- trabalhar em projetos de promoção específica da mulher (mães solteiras, empregadas domésticas, etc);
- aderir a campanhas ou movimentos de apoio a processos de promoção feminina que buscam soluções para injustiças concretas (ex: campanhas contra o aborto, contra esterilização em massa, contra o aumento do custo de vida, etc.);



- lutar pela vigência de leis que protejam viúvas, separadas, divorciadas, mães solteiras, anciãs;
 - denunciar a prostituição como injustiça social;
 - denunciar os meios de comunicação social que usam a mulher como objeto;
 - enviar, aos meios de comunicação social, mensagens sobre a verdadeira perspectiva da promoção feminina, para eventual divulgação;
 - denunciar o aborto e difundir cursos sobre planejamento familiar;
 - promover o direito à vida e a paternidade responsável;
 - levar equipes do MFC a se transformarem, paulatinamente, em Comunidades Eclesiais de Base;
- Então poderá ainda o MFC, solidarizando-se com os outros movimentos congêneres, criar comissões (nacional, estaduais, provinciais, diocesanas) encarregadas de recolocar, a partir das bases, o processo de promoção feminina, na América Latina, em sua verdadeira órbita.

PONTOS DE APOIO PARA POSSÍVEL CONCRETIZAÇÃO DESSAS MODALIDADES DE TRABALHO

Esses trabalhos não estão desvinculados das orientações da pastoral de conjunto da Igreja pós-conciliar e, sobretudo, da Igreja latino-americana. Existem reflexões e documentos tanto da Igreja universal quanto da Igreja da América Latina que nos ajudam a situar-nos num planejamento global, a enriquecer e ampliar nossa perspectiva e a possibilitar ações concretas, bastante encaixadas dentro de planejamentos e de trabalhos mais amplos. O fato de o processo de promoção da mulher responder a uma legítima ne-

cessidade do mundo de hoje facilita, ao MFC:

- promover a difusão de cursos de orientação sobre o assunto, através de organismos especializados;
- obter assessoria de organizações internacionais (ex: Conselho Nacional de Mulheres, Mesas Redondas Panamericanas, etc);
- obter colaboração científica de organismos especializados (ex: Institutos da Família);
- solicitar e obter auxílio financeiro para trabalhos promocionais concretos (Adveniat e outros).

A contribuição das ciências humanas e da teologia oriunda do Vaticano II e, especialmente da Teologia da Libertação, constituem pontos de apoio e de fundamentação para os trabalhos do MFC, nesse como em outros campos.

A opção preferencial do movimento pelos pobres, pelo trabalho com as famílias incompletas, sua opção por lutar pela justiça e pela construção da civilização do amor constituem ainda pontos de apoio fortíssimos.

A própria estrutura do MFC (movimento que parte das bases), que tem como unidade básica o casal (a família, e que trabalha em equipes) constitui também um valioso ponto de apoio para o trabalho de que aqui nos ocupamos. Essa estrutura possibilita ao movimento partir para trabalhos concretos, dentro de ambientes concretos, em resposta a necessidades também concretas, sem perder uma visão continental e até mesmo global.

SINTETIZANDO, EM VISTA DE UMA VISÃO PROGRAMÁTICA

Essa reflexão nos mostra claramente a necessidade de um contínuo apro-

fundamento da tomada de consciência da realidade latino-americana, pois é assumindo os problemas e as necessidades de nossa comunidade, é comprometendo-nos com sua luta pela justiça, é assumindo as reivindicações dos irmãos mais pobres que seremos hoje, na América Latina, agentes na história da salvação, na construção da história de nossos povos. É ainda essa contínua retomada de consciência que determinará, em momentos próprios, nossa missão concreta bem como nossos métodos e técnicas de ação.

Essa contínua retomada de consciência da realidade deverá ser colocada sempre diante da visão bíblica da mulher, apresentada no Gênesis e explicitada na 1ª Carta aos Coríntios (11,11): a mulher é parceira do homem e não sua serva. Então procuraremos, consequentemente, encontrar o plano universal e comum do destino humano, antes de nos preocuparmos com diferenciações masculinas ou femininas.

Essa visão abrangente despertará, em nós, a necessidade de analisar o porque da diferença de comportamento entre homem e mulher. Isto é, nos levará a problematizar os papéis considerados como específicos do homem e da mulher e a descobrir os condicionamentos culturais que os determinaram. Ela nos levará a perceber, também, que a civilização opressiva leva à luta incessante entre as dimensões masculina e feminina e cria, através da história, neuroses coletivas que se polarizam na luta sexual com explosões, crimes e loucuras.

Esses sintomas se apresentam em nossa realidade atual, culminando na reivindicação da libertação sexual da mu-

lher que vê, como ideal de sua promoção, poder "fazer o amor" quando e como quiser.

Essa tomada de consciência nos faz perceber ainda que existe cada vez maior possibilidade de igualdade entre homem e mulher no campo das múltiplas responsabilidades, bem como no campo profissional. Com efeito, em muitos países, a mulher é hoje parceira do homem na vida política, social e econômica e a Declaração dos Direitos do Homem a coloca em pé de igualdade com ele.

Essa visão nos faz perceber ainda a amplitude e a complexidade do problema de promoção da mulher. Com efeito, qualquer simplificação nesse caso, pode ser apenas uma clarificação aparente, podendo gerar profundos prejuízos globais.

A visão que propomos nos levará normalmente:

- a colocar o problema da promoção da mulher dentro das exigências de uma promoção da pessoa hoje, na América Latina;

- a ver, nela, a colaboradora do homem, na construção de uma sociedade mais justa;

- a encaminhar o processo de sua promoção na linha da luta pela participação e pela comunhão de todos os níveis;

- a perceber a necessidade e o valor de um processo de educação permanente, não apenas para procura de obtenção de unidade de critérios fundamentais, mas para possibilitar a vivência concreta e circunstancial de uma reciprocidade sem prejuízo de uma real e verdadeira complementariedade.

Essa visão nos levará, por fim, à criação de pequenas comunidades vivas, células germinais da Igreja, onde

homens e mulheres, profetizando com sua própria vivência, lutem em comum para a promoção comum, aceitando questionar tudo o que a isto se opõe e a assumir os compromissos humanos e cristãos que lhes parecerem necessários, diante de situações de fato que possam impedir a realização da missão por eles assumida.

PROPOSIÇÃO DE LINHAS DE AÇÃO

Finalizando, sugeriram os participantes do VIII ELA, encarregados dessa área de trabalho, as seguintes linhas de ação que constituem, em si mesmas, profunda exigência de reformulação do MFC na linha da reflexão:

- refletir sobre os fundamentos antropológicos e evangélicos do atual processo de revalorização dos direitos humanos, bem como do processo de promoção da mulher;

- levar essas reflexões aos grupos de base, explicitando bem suas perspectivas, suas exigências e os compromissos que elas sugerem, despertando-os para a necessidade de se lutar pela participação e pela comunhão de todos, na construção da civilização do amor;

- incluir, nessa reflexão, aspectos pastorais específicos, de acordo com as necessidades concretas de promoção da mulher e dos diversos tipos de famílias incompletas.

Na linha da ação, distinguiram eles ações em âmbitos mais gerais e ações no ambiente estrito do próprio MFC.

Em âmbitos mais gerais, propuseram eles:

- procurar despertar consciência crítica nas famílias latino-americanas, através das escolas, das universidades, do clero, das várias comunidades, formando assim famílias com senti-

do crítico, capazes de se transformarem em centros de participação e de comunhão;

- procurar utilizar os meios de comunicação social para despertar essa consciência crítica; para isto, descobrir líderes e profissionais que os possam sensibilizar e motivar, nessa direção;

- coordenar e participar, quando necessário, de manifestações de massa, como meio de conscientização ambiental;

- descobrir e divulgar bibliografia válida sobre o assunto;

- procurar intercâmbio com professores de escolas públicas e universidades para motivá-los a se comprometerem com o trabalho necessário a uma verdadeira promoção feminina;

- promover cursos e painéis multidisciplinares sobre o assunto, nas várias dioceses, para atingir, não apenas as equipes de base, mas as pessoas, em geral;

- promover ou participar de clubes de mães, associações de bairros, centros comunitários, sindicatos, etc.;

- lutar para que todas as mulheres possam adquirir maior grau de cultura, para se poderem situar, conscientemente, dentro do processo de sua própria promoção, assumindo-o na totalidade de sua perspectiva e em suas exigências de compromissos concretos e circunstanciais;

- criar consultórios jurídicos que possam orientar e defender os que dele precisarem.

Em âmbito do próprio MFC foram propostas as seguintes linhas de ação:

- procure informar-se, o MFC, sobre os organismos internacionais que nos poderão ajudar financeiramente no trabalho concreto de promoção da mu-

lher latino-americana; que o movimento lhes apresente programas concretos, pedindo-lhes a subvenção necessária;

- promova, o MFC, troca de experiências e de trabalhos executados nessa área. Formar, para isto, no MFC (em plano latino-americano e em planos nacionais, quando possível) comissões encarregadas de estudar o problema de promoção da mulher e de refletir sobre o que já se vem fazendo, nesse sentido;

- incentive e organize, o MFC, o trabalho com mulheres de classes desfavorecidas, com viúvas, desquitadas, divorciadas, separadas, abandonadas e mães solteiras;

- procure o MFC promover as famílias como Igrejas domésticas; para isto, trabalhar sobretudo com as famílias marginalizadas sem se esquecer, no entanto, de levar em conta, no seu planejamento de trabalho, as famílias de todas as classes sociais e sua realidade de vida e de trabalho;

- incentive, o MFC, as novas experiências que surgem nos grupos de trabalho;

- crie, o MFC, temários que atendam melhor à mulher carente e às suas necessidades reais; que seja convocada uma convenção latino-americana para revisão e reformulação dos atuais temários, tendo-se em vista este objetivo;

- organize, o MFC, cursos de orientação, especialização e aperfeiçoamento profissional e de trabalho no lar, onde se ensina melhor racionalização do trabalho, como ajuda à mulher que trabalha fora do lar;

- utilize, o MFC, os meios de comunicação social como caminhos de incentivo à mulher, motivando-a, através deles, a assumir um compromisso

efetivo no trabalho para a mudança das estruturas sociais injustas;

- aproveite, o MFC, as modernas contribuições pedagógicas e use dinâmicas adequadas, capazes de despertar interesse e de levar a descobrir as facetas essenciais do processo de promoção em curso, hoje, na América Latina;

- incentive, o MFC, a criação de novos grupos e a conscientização dos grupos antigos, a partir das novas opções do MFC, centralizadas em Puebla;

- use, o MFC, para o mesmo fim, os Encontros de Casais;

- desperte o MFC, nos seus membros, consciência crítica face às novas lideranças que surgem, nesse sentido;

- permita, o MFC, que religiosas funcionem como assessoras nas equipes de base.

RECOMENDAÇÕES FUNDAMENTAIS

Que, após estudar a realidade da mulher latino-americana em todos os seus aspectos (físico, cultural, espiritual, religioso, econômico, sócio-político, etc.) se detectem suas carências e necessidades; criem-se projetos de trabalho de acordo com a possibilidade de apoio dos setores técnicos e científicos e com o processo de libertação em curso.

Que se faça proposição orgânica de metas e prioridades. Que se executem as metas propostas,

- mediante instalação de processo de capacitação para o trabalho proposto;
- mediante uso de assessoria profissional nos limites das necessidades e das possibilidades constatadas.

Que se procure obter coparticipação direta na realização de projetos comunitários, através dos meios de difu-

ção e de ilustração do trabalho proposto.

Que se faça avaliação periódica dos resultados dessa atuação e dos meios pedagógicos atualizados. Que, em consequência, sejam feitos os reajustes convenientes, percebidos através da análise conveniente da realidade.

À GUIZA DE INFORMAÇÃO E COMPLEMENTAÇÃO

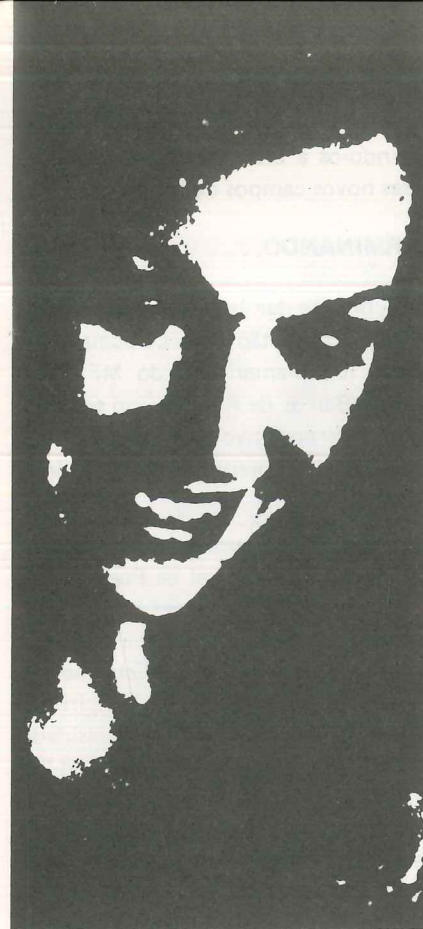
Apresentamos aqui um resumo das sugestões concretas, feitas pelos participantes do VIII ELA, para a área de trabalho de que agora nos ocupamos. Esperamos que esse resumo de sugestões, esparsas nessa reflexão, ajude na equação e no planejamento de serviços concretos, a serem concretamente assumidos pelo MFC de cada país, de cada diocese.

SUGESTÕES PARA SERVIÇOS A SEREM IMPLANTADOS NAS COMUNIDADES

- Cursos de alfabetização, de capacitação para o trabalho, de educação na fé, através dos grupos ambientais existentes.

Esses cursos visarão a:

- promover mudança geral de mentalidade em relação à mulher;
- possibilitar, a todas elas, terem maior cultura para serem mais eficientes;
- torná-las capazes de passar, de situações menos humanas a situações mais humanas de vida;
- promover empregadas domésticas, operárias, camponesas, anciãs, prostitutas, combatendo toda sorte de marginalização feminina;
- Oferecer alternativas de educação e trabalho às prostitutas.
- Cursos de orientação e atualização



familiar, para que as famílias tomem consciência dos desafios que se lhes apresentam com a promoção da mulher e para fomentar, entre elas, o nascimento e o uso do espírito crítico e da criatividade; e para promover, ainda, hábitos de reflexão, de revisão e de planejamento em comum, nos lares e nas comunidades.

- Cursos de educação sexual que resaltem os valores humanos e cristãos da sexualidade; que despertem a mulher para que ela viva sua sexualidade de forma libertadora e não escravizante; que denunciem sua manipulação como objeto de propaganda; que ampliem sua visão sobre fecundidade e maternidade, que despertem marido

e mulher para o uso de uma paternidade responsável; que eduquem homem e mulher na e para a liberdade, o amor e a verdadeira realização masculina e feminina; que despertem consciência crítica e discernimento.

- Movimentos de denúncia das injustiças sociais e de apoio a movimentos grevistas que visam a ajudar, de certo modo, à promoção das mulheres trabalhadoras (por exemplo, luta por melhores salários). Ou, em outras palavras, campanhas de apoio a movimentos de libertação feminina que buscam soluções para situações concretas de injustiças.

- Movimentos contra campanhas que visam deturpar ou impedir o processo de promoção da mulher. Exemplo: movimentos que fazem campanhas a favor do aborto e da esterilização coletiva; propaganda consumista que coloca a mulher como objeto a serviço do mercado, etc.

- Formação de centros de Consultoria Jurídica destinados à orientação e defesa das mulheres de classes menos favorecidas.

SUGESTÕES PARA SERVIÇOS A SEREM EXECUTADOS DENTRO DO PRÓPRIO MFC

- Reformulação dos Cursos de Noivos e dos Encontros de Casais para que eles possam despertar seus frequentadores para a verdadeira promoção da mulher, levando-os a assumir, em comum, os compromissos necessários para se levar avante esse processo.

- Criação de equipes especiais de iniciação ao MFC, procurando despertar seus participantes para a descoberta dos valores humanos e evangélicos que situam a mulher e descobrem sua

missão como colaboradora corresponsável com o varão na construção da sociedade humana.

— Promoção de trabalhos específicos com viúvas, mães solteiras, divorciadas, separadas, prostitutas, visando a defesa da dignidade da mulher, de seus direitos e deveres, procurando bem situar seu direito à liberdade, procurando ainda despertá-la para trabalhar pela obtenção de leis que as protejam e lhes deem direito de usar dos privilégios da previdência social.

— Promoção de trabalhos com jovens nos colégios, paróquias, universidades, visando despertar a consciência de todos sobre a dignidade e a missão da mulher.

— Criação de Centros Comunitários com as equipes do MFC. Que esses centros sejam mais ou menos semelhantes às Comunidades Eclesiais de Base, atuando porém dentro das cidades. Que esses Centros Comunitários promovam iniciativas concretas, como: fundação e manutenção de creches com serviço orientado; criação e orientação de cooperativas de artesãs, de sindicatos de empregadas domésticas, etc.; criação de mecanismos efetivos orientados para a luta contra a coisificação da mulher e para a defesa de seus direitos trabalhistas, em situações concretas; conscientização para ampliação do campo de participação das religiosas nessas comunidades concretas. Que, para isto os coordenadores das respectivas comunidades apresentem, às Conferências Episcopais, suas necessidades e aspirações, nesse sentido.

— Promoção de maior participação da mulher nas próprias equipes de base do MFC e nos trabalhos de planejamento e da programação de suas equi-

pes dirigentes.

— Reformulação de seus temários, abrindo-os a essa nova perspectiva e a esses novos campos de trabalho.

TERMINANDO...

É preciso ter bem claro, no entanto que, como tão bem colocou o Assessor latino-americano do MFC, Pe. Dalton Barros de Almeida, no seu "Estudo Interpretativo das respostas aos questionários preparatórios ao VIII ELA":

"... a senha **comunhão e participação** é a perspectiva central de Puebla para a evangelização em nosso continente; portanto, também para o MFC, como agente de evangelização. Esta mesma senha não pode prestar-se a espiritualismos e dualismos. Daí a necessidade de dar-lhe o enfoque exato, dando-lhe sua dimensão completa; é onde se insere a temática da libertação: **libertar para a comunhão e a participação porque o que vivemos ainda não é isto**".

Essa colocação se completa com o pensamento de Carlos Mesters, expresso em seu livro "Abraão e Sara" e usado em uma das liturgias do VIII ELA:

"Com o pensamento eu viajo até onde quero, num instante. Mas o corpo não acompanha. Com os olhos eu viajo até o horizonte, num instante mas o corpo não acompanha. O corpo só anda no passo dos pés. Eu já viajei muito com o pensamento e com os olhos. Mas andava só, separado dos meus companheiros que só andam nos passos dos pés. Isso não tinha vantagem, pois não ajudei a formar o povo. Agora estou voltando atrás, até onde estão meus companheiros, para seguir com eles, no passo dos pés, e formar assim o povo de Deus".



se não houve o fruto
... valeu pela beleza da flor,
se não surgiu a flor
... valeu pela sombra das folhas,
se não vieram as folhas
... valeu pela esperança da semente.